

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRESENTE NA ESCOLA RURAL -  
ESTUDO DAS PRÁTICAS AMBIENTAIS DESENVOLVIDAS EM  
TEUTÔNIA-RS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

Mirian Fabiane Dickel Strate

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRESENTE NA ESCOLA RURAL -  
ESTUDO DAS PRÁTICAS AMBIENTAIS DESENVOLVIDAS NAS  
ESCOLAS RURAIS DE TEUTÔNIA-RS**

**Por  
MIRIAN FABIANE DICKEL STRATE**

**Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação  
Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
Especialista em Educação Ambiental.**

**Orientador: Prof. Dr. Toshio Nishijima**

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Curso de Especialização em Educação Ambiental**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRESENTE NA ESCOLA RURAL - ESTUDO DAS  
PRÁTICAS AMBIENTAIS DESENVOLVIDAS NAS ESCOLAS RURAIS DE  
TEUTÔNIA-RS**

Elaborada por

**MIRIAN FABIANE DICKEL STRATE**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Ambiental**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Toshio Nishijima, Prof. Dr. (UFSM)**  
Presidente/Orientador

**Nina Paula Gonçalves Salau, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

**Clayton Hillig, Prof. Dr. (UFSM)**

Santa Maria, RS, 20 de dezembro de 2013.

*Dedico este trabalho a Deus que sempre abre novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional e está sempre ao meu lado para vencê-las.*

*A meu esposo Mário que com muito carinho e atenção me apoiou durante todos os momentos.*

*A minha família que sempre me apoia nos momentos de dificuldade e necessidade, em especial a meus filhos Carolina e Frederico que não medem esforços para me ajudar, me apoiar e incentivar, abrindo de momentos de convívio. Amo a todos.*

*E de um modo especial ao professor Toshio, meu orientador, excelente professor e pessoa admirável, que não mediu esforços para ajudar e com muita paciência me orientou e me apoiou.*

## **AGRADECIMENTOS**

Existem pessoas para as quais singelas palavras não são suficientes para traduzir minha gratidão. Mesmo assim, não posso deixar de registrar meu agradecimento a algumas delas:

À minha família, em especial, a meu esposo Mário pela compreensão e apoio durante a realização deste trabalho.

À meus filhos que me acompanharam durante as visitas e pesquisa.

À tutora Clélia Regina Redin com quem dividi momentos de ansiedade e dúvida sobre o trabalho.

Ao orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Toshio Nishijima, por suas contribuições, críticas e incentivos carregados de compreensão e confiança que possibilitaram a concretização deste trabalho.

E, finalmente, mas não menos importante, aos professores e alunos das escolas rurais de Teutônia, pela acolhida e receptividade.

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Ambiental  
Universidade Federal de Santa Maria

### **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRESENTE NA ESCOLA RURAL - ESTUDO DAS PRÁTICAS AMBIENTAIS DESENVOLVIDAS NAS ESCOLAS RURAIS DE TEUTÔNIA-RS**

AUTORA: Mirian Fabiane Dickel Strate

ORIENTADOR: ToshioNishijima

Data e Local da Defesa: Sobradinho, 20 de dezembro de 2013.

A presente pesquisa visa conhecer as representações sociais sobre meio ambiente de alunos e educadores, bem como abordar os saberes docentes acerca da Educação Ambiental e como estes saberes são relacionados com as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do meio rural do município de Teutônia. A pesquisa foi desenvolvida em 7 escolas, utilizando como método de coleta de dados questionários e entrevistas semi-diretivas. Os resultados revelam que alunos e educadores apresentam uma visão naturalista e que as práticas de educação ambiental desenvolvidas são de orientação conservacionista. Neste sentido o presente trabalho propõe um projeto de educação ambiental que revitalize a escola rural construindo uma proposta de educação comunitária, transformando esta escola em um espaço de reflexão para que os agricultores familiares possam compreender as relações de poder envolvidas em sua produção, bem como buscar um modelo sustentável de produção que valorize a cultura local, a preservação dos recursos naturais e promova a qualidade de vida das populações rurais.

**Palavras-chave:** educação ambiental; rural; saberes e percepções.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Ambiental  
Universidade Federal de Santa Maria

### **ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THIS RURAL SCHOOL - STUDY OF ENVIRONMENTAL PRACTICES PERFORMED IN RURAL SCHOOLS TEUTÔNIA-RS**

AUTHOR: MIRIAN FABIANE DICKEL STRATE  
ADVISOR: Prof. Dr. TOSHIO NISHIJIMA

PLACE AND DATE OF DEFENSE: SOBRADINHO, RS, DEZEMBER OF 2013.

The present paper research aims at understanding the social representations of the environment of students and educators, as well as addressing the knowledge about teaching environmental education and how these practices are related to pedagogical practices developed in schools in the rural Teutonia township. The study was conducted in 7 schools, using as a method of data collection questionnaires and semi-directive interviews. Therefore, the results show that students and educators have a naturalistic view and practices developed environmental education are of an conservationist orientation. In this sense this paper proposes an environmental education project to revitalize the rural school building a proposed community education, turning this school into a space for reflection so that farmers can understand the power relations involved in their production and seek a sustainable production model that valorizes local culture, preservation of natural resources and promote the quality of life of rural populations.

**Key words:** environmental education, rural, knowledge and perceptions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS .....	9
LISTA DE QUADROS .....	10
LISTA DE ABREVIATURAS.....	11



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Local que reside ,Teutônia , 2013. ....	42
Figura 2 – Profissão dos pais , Teutônia , 2013 .....	43
Figura 3 - Produção , Teutônia, 2013.....	44
Figura 4 - Representação social de Meio ambiente de alunos de 5° ano, Teutônia, 2013. ....	46
Figura 5 - Problemas ambientais – Teutônia - RS.....	47
Figura 6 - Fontes de informação sobre Meio Ambiente –Teutônia-RS.....	48
Figura 7 - Projetos desenvolvidos pela escola – Teutônia -RS .....	49
Figura 8 - Gênero – Teutônia - RS .....	51
Figura 9 - IDADE –Teutônia - RS .....	51
Figura 11 - Onde reside – Teutônia -RS .....	53
Figura 12 - Formação dos professores – Teutônia- RS .....	54
Figura 13 - Tempo de experiência – Teutônia -RS.....	55
Figura 14 - Áreas que ministra aulas – Teutônia - RS.....	55
Figura 15 -.Turmas em que atua – Teutônia -RS.....	56
Figura 17 –Imagens de Meio Ambiente – Teutônia -RS.....	58
Figura 18 - Fontes de informação sobre meio ambiente – Teutônia -RS .....	60
Figura 19 - Problemas ambientais mais graves – Teutônia -2013 .....	60
Figura 20 - Concepções sobre educação ambiental – Teutônia -2013 .....	61
Figura - Conteúdos da EA - Teutonia - RS.....	62
Figura 22 – Origem da crise ambiental – Teutônia - RS .....	63
Figura 23 – Questões ambientais em sua prática pedagógica – Teutonia -RS.....	64
Figura 24 - Projetos em educação ambiental desenvolvidos – Teutonia -RS .....	65
Figura 25 – Idade para iniciar a Educação ambiental –Teutonia-RS. ....	65
Figura 26 - Apoio da Secretaria de Educação –Teutonia -RS.....	66
Figura 27 - Problemas ambientais da comunidade – Teutonia - RS .....	67
Figura 28 -Danos ambientais –Teutonia -RS .....	68

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Crescimento populacional(Fonte:IBGE) .....	39
Quadro 2 – Escolas rurais , Teutônia ,2013. (Secretaria Municipal de Educação)....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABCAR –Associação Brasileira de Assitência Técnica e Extensão Rural  
AMVAT –Associação dos municípios do Vale do Taquari  
CBAR –Comissão Brasileira Americana de Educação de Populações Rurais  
CPC –Centro Popular de Cultura  
CUT – Central Única dos Trabalhadores  
ECO 92 –Conferência Mundial de Meio Ambiente  
EMATER –Empresa de Assesoria Técnica  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICMS –Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
MEB –Movimento Educacional de Base  
MEC – Ministério da Educação  
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
OMS –Organização Mundial da Saúde  
ONG –Organização não governamental  
PCNs –Parâmetros curriculares nacionais  
PNAD – Pesquisa Nacional por amostragem de domicílio  
PND –Plano Nacional de Desenvolvimento  
PSECD – Plano Setorial de Educação , Cultura e Desporto  
SECADI – Secretaria EducaçãoContinuada , Alfabetização, Diversidade e Inclusão

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 EDUCAÇÃO RURAL</b> .....	<b>17</b>
1.1 Breve histórico da Educação Rural .....	17
1.2 A Educação Rural no contexto atual .....	22
1.3 A Escola Rural .....	23
<b>2 A AGRICULTURA FAMILIAR NO MODELO AGRÍCOLA BRASILEIRO</b> .....	<b>27</b>
2.1 A realidade da agricultura familiar brasileira .....	27
2.2 A modernização agrícola e os impactos ambientais .....	28
2.3 A agricultura sustentável e a educação ambiental .....	30
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>35</b>
3.1 A pesquisa em Educação Ambiental .....	35
3.2 Caracterizando o universo de pesquisa .....	37
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>41</b>
4.1 Escolas rurais de Teutônia .....	41
4.2 Respostas dos alunos .....	41
4.2.1 Perfil dos alunos entrevistados .....	42
4.2.2 Percepção sobre o lugar que mora e perspectivas de futuro .....	44
4.2.3 Representações sociais sobre meio ambiente .....	44
4.2.4 A educação Ambiental na escola que estudo .....	48
4.3 Resposta dos professores .....	50
4.3.1 Perfil dos professores das escolas rurais de Teutônia .....	50
4.3.2 Formação e experiência pedagógica .....	53
4.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS RURAIS DE TEUTÔNIA .....	56
4.4.1 Estudando a percepção ambiental .....	56
4.4.1 Representação social de meio ambiente dos professores .....	57
4.4.2 Fontes de informação .....	58
4.5.3 Problemas ambientais mais graves do município .....	60
4.4.4 Percepções sobre Educação ambiental dos professores das escolas rurais .....	61

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>6 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>77</b>
APÊNDICE A –Entrevista com alunos do 5° ano.....	78
APÊNDICE B –Entrevista com professores das escolas rurais .....	79

## INTRODUÇÃO

Há uma tendência em nosso país de considerar a população rural como atrasada , fora da modernidade , pois a maioria dos projetos de desenvolvimento são voltados para a população urbana, desta forma vemos uma carência de políticas públicas voltadas para o meio rural , e a educação no meio rural se enquadra neste contexto.

Temos hoje no Brasil altos índices de êxodo rural e uma forte tendência de nucleação no ensino , com o fechamento das escolas rurais e transporte dos estudantes ao centros urbanos pois existe a concepção que a escola urbana é melhor que a rural ,assim os estudantes passam a desenvolver outros valores , os da vida urbana ,isto acaba contribuindo para a não permanência do jovem no meio rural. Observa-se que as políticas de educação rural implantadas não surgiram para atender às necessidades daquela área, mas para modernizar a produção e viabilizar os interesses do capital ou reproduzir a dominação através do material didático e da ideologia escolar .A tarefa reprodutiva da ideologia dominante leva a obscurecer a realidade , a evitar que as pessoas adquiram uma percepção crítica , que leiam sua própria realidade de forma crítica, que aprendam a razão de ser dos fatos que elas descobrem.(FREIRE,1993)

Parece que a escola e comunidade vivem em dois mundos à parte , a escola pretendendo modificar a cultura comunitária.Acontece que,na medida em que o currículo e o calendário da escola rural é o mesmo da escola urbana, e na medida em que estes são impostos de cima para baixo , de fora para dentro , acabam as

escolas rurais resultando alienadas. Em muitos lugares os professores/professoras não tiveram uma formação específica para trabalhar com esta realidade e possuem uma visão de mundo urbana ou uma visão da agricultura patronal. Na situação atual, a escola rural continua ignorando, quando não desprezando e desvalorizando, a cultura da comunidade em que se insere.

Raramente encontraremos uma escola onde são abordadas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem da agropecuária como: os altos custos de produção e criação de animais; das “pragas” que atacam as culturas, dos desastres provocados pelo clima, dos baixos preços pagos pela produção e os altos custos dos insumos, etc.

A educação básica no campo deve ser voltada aos interesses, a política e ao desenvolvimento sócio-cultural e econômico dos trabalhadores rurais, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias que garantam viver com dignidade e que organizados possam resistir contra expropriação e expulsão de sua terra.

A escola do século XXI deve ter como uma de suas premissas educar o cidadão para viver de forma mais sustentável, a Educação Ambiental é hoje o instrumento mais eficaz para se conseguir criar e aplicar formas sustentáveis de interação sociedade-natureza. Este é o caminho para que cada indivíduo mude de hábitos e assumam novas atitudes que levem à diminuição da degradação ambiental, promovam a melhoria da qualidade de vida e reduzam a pressão sobre os recursos ambientais.

Tanto a educação como a escola devem sistematizar e socializar o conhecimento, bem como de possibilitar a formação de cidadãos suficientemente informados, conscientes e atuantes, para que as questões ambientais possam ser não apenas discutidas, mas para que se busquem soluções para as mesmas.

Para Dias a educação ambiental deve ser permanente:

(...) a educação ambiental é considerada um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio ambiente e adquirem os conhecimentos, os valores, as habilidades, as experiências e a

determinação que os tomam aptos a agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais presentes e futuros (DIAS, 1992, p. 92).

Ciente da contribuição da prática da Educação ambiental nas escolas rurais, levando em conta a necessidade de capacitação específica dos profissionais que provêm o ensino nas escolas do campo e tendo em vista a imprescindível valorização das especificidades do ambiente rural em relação ao ambiente urbano, bem como a diversidade cultural e social que os distingue, esta pesquisa se propõe a identificar os saberes dos docentes das escolas do meio rural do município de Teutônia – RS, buscando compreender como estes saberes são articulados às suas práticas pedagógicas e como estas repercutem nas comunidades.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Investigar a prática em Educação Ambiental nas escolas rurais do município de Teutônia – RS

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Averiguar atitudes e valores ambientais dos docentes das escolas rurais de Teutônia
- Identificar os principais aspectos que formam a base da prática ambiental dos educadores.
- Conhecer as representações de meio ambiente dos alunos do 5º ano das escolas rurais de Teutônia
- Conhecer as representações de meio ambiente dos professores das escolas rurais de Teutônia
- Examinar o papel das escolas rurais na formação de uma consciência ecológica nas comunidades escolares



# CAPÍTULO I - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

## 1 EDUCAÇÃO RURAL

### 1.1 Breve histórico da Educação Rural

O resgate histórico da educação rural de nosso país permite dizer que a educação dirigida à população rural no Brasil é resultante de um duro e conturbado processo histórico, econômico, social e cultural comprometido com vários interesses que não os unicamente educacionais. Para Leite,

a educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores tendo por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária. (1999, p. 14).

Conforme Calazans (1979), o desenvolvimento da educação rural através da história reflete, de certo modo, as necessidades que foram surgindo em decorrência da própria evolução das estruturas sócio-agrárias do país. Segundo ela, a despeito de tímidas iniciativas ocorridas no final do século XIX, somente a partir da década de 1930 e, mais sistematicamente, das décadas de 1950 e 1960 do século XX que começa a se delinear a educação rural no país (Calazans,1993).

O modelo brasileiro de educação rural apresenta uma série de elementos os quais aparecem na legislação, nas instituições pedagógicas, no currículo e mesmo nas recomendações dos organismos internacionais, que possibilitam traçar um esboço da educação rural brasileira a partir de meados de 1920. Entre 1910/20, a sociedade brasileira começa a despertar seu interesse para a educação rural em decorrência de um intenso movimento migratório<sup>1</sup> que cria a necessidade de uma

pedagógica específica para o rural, surge então o Ruralismo Pedagógico. O Ruralismo Pedagógico permaneceu vigente até a década de 1930 propondo uma escola rural integrada às condições locais e regionais com o principal objetivo de promover a fixação do homem ao campo.

Em 1937, o Estado Novo cria a Sociedade Brasileira de Educação Rural com o objetivo de expansão do ensino e preservação da arte e folclore rurais. Conforme Leite (1999), o sentido de contenção que orientava as iniciativas do Ruralismo Pedagógico se mantém, mas, agora, coloca-se explicitamente o papel da educação como canal de difusão ideológica.

Após o final da II Guerra Mundial e, em conformidade com a política externa norte americana, criou-se a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais (CBAR), que tinha por objetivo a implantação de projetos educacionais na zona rural e o desenvolvimento das comunidades rurais mediante a criação de Centros de Treinamento dirigidos a professores especializados; a realização de Semanas Ruralistas compostas de debates, seminários, encontros, dias de campo, entre outras atividades; e também a criação e implantação dos chamados Clubes Agrícolas e dos Conselhos Comunitários Rurais.

A CBAR foi o embrião da Associação Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (ABCAR), criada em 21 de junho de 1956, encarregada de coordenar programas de A CBAR foi o embrião da Associação Brasileira de Assistência Técnica Extensão Rural (ABCAR), criada em 21 de junho de 1956, encarregada de coordenar programas de extensão e captar recursos técnicos e financeiros.

a Extensão se definia como um empreendimento educativo: "produzir mudanças nos conhecimentos, nas atitudes e nas habilitações para que se atinja o desenvolvimento tanto individual como social". Assumindo características de ensino informal (fora da escola), o trabalho extensionista se propunha como diferenciado ou até mesmo incompatível com o caráter centralizado e curricular do ensino escolar. (...) A base material da ação educativa da Extensão era a empresa familiar. O importante era persuadir cada um dos componentes familiares (...) a usarem recursos técnicos na produção para conseguirem uma maior produtividade e conseqüentemente o bem-estar social (FONSECA, 1985, p.91).

O objetivo imediato da Extensão Rural foi o combate à carência, à subnutrição e às doenças, bem como à ignorância e a outros fatores negativos dos grupos empobrecidos no Brasil, principalmente aqueles que integravam a sociedade rural, classificados como desprovidos de valores, de sistematização de trabalho ou mesmo de capacidade para tarefas socialmente significativas.

O projeto em si apresentava um modelo de educação e de organização sócio produtiva que permitia a proliferação de um tipo de escolaridade informal cujos princípios perpetuavam a visão tradicional colonialista-exploratória, só que, doravante, com uma rotulação liberal moderna: desenvolvimento agrário. (LEITE,1999, p.34)

No início da década de 1950, destacam-se no desenvolver das atividades educacionais para as populações rurais, a criação da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e do Serviço Social Rural (SSR)<sup>3</sup>. Dos projetos da CNER<sup>4</sup> surgiram a Campanha de Educação de Adultos e as Missões Rurais de Educação de Adultos.

Semeados em uma sociedade em transição marcada por extraordinária desigualdade social, tais projetos e políticas promovem diversas consequências, inclusive a mobilização das populações rurais. Nasce assim um conjunto de movimentos sociais que, articulados aos partidos políticos de esquerda ou à Igreja Católica, desenvolvem uma proposta educacional associada a um tipo de educação diferente do vislumbrado pelas necessidades imperialistas do governo norte-americano. (Damasceno, 1993)

Como tentativa de superação do descompasso das relações culturais, escolares e sociais para com as classes menos favorecidas do campo, o estatismo informal da educação rural possibilitou, indiretamente, a criação do espaço necessário para o aparecimento de movimentos populares, como os Centros Populares de Cultura(CPC) e, mais tarde, o Movimento Educacional de Base (MEB). (LEITE,1999,p40)

Intimamente ligados aos movimentos de esquerda, os CPCs e o MEB tiveram como sustentação ideológica o trabalho desenvolvido pelas ligas camponesas, sindicatos de trabalhadores rurais e outras entidades semelhantes em favor dos menos favorecidos da zona rural. De modo que, em contraposição, a esses movimentos surgem novos convênios assistenciais e educacionais entre Brasil e EUA entre eles a Aliança para o Progresso.

A promulgação da Lei 4.024, em dezembro de 1961, que fixa as primeiras diretrizes e bases para a educação nacional, entre outras novidades, deixa a estruturação da escola fundamental na zona rural a cargo das municipalidades.

Com a Ditadura militar, que iniciou-se em 1964, a escolarização nacional sofreu novas alterações, entre elas a promulgação das Leis 5.540/68 e 5.692/71, respectivamente, sobre a reforma do ensino superior e sobre a estruturação do ensino fundamental e secundarista.

A Educação rural no contexto militar promove a penetração incisiva da Extensão Rural e sua ideologia no campo, substituindo a professora do ensino formal pelo técnico e pela extensionista, cujos vencimentos eram subsidiados por entidades como a Inter American Foundation<sup>8</sup> ou a Fundação Rockefeller

.... o movimento extensionista brasileiro está marcado pela criação e difusão de um argumento falacioso do seguinte teor: em seu início, a ABCAR, teve a sua ação voltada para a promoção humana ou a melhoria do nível de vida da população rural. O caráter dessa ação era fundamentalmente assistencialista e, como consequência, os seus resultados foram bastante modestos. Com a institucionalização do Crédito Rural, a partir de 1965, opera-se a grande mudança. A promoção humana é relegada para um plano secundário. O objetivo passa a ser o de aumentar a produção agrícola estimulando a difusão da tecnologia agrícola e gerencial ou, em outros termos, promover a modernização da agricultura (QUEDA, apud LEITE 1999, p. 71)

Conforme Leite,

centralizada na questão econômica interna e externa, a política social brasileira durante as décadas de 1960/70 teve, na educação, apenas mais um indicador do subdesenvolvimento em que se encontrava o país, e não uma meta a ser alcançada mediante um projeto escolar autônomo, técnico e pedagogicamente estruturado. (1999, p. 42-43)

Em função de tal realidade, o governo Castelo Branco criou, através do Ministério do Planejamento, o Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social para o período de 1967/76, no qual o processo educativo, tanto urbano quanto rural, aparece como instrumento de capacitação mínima do cidadão para sua futura inserção no mercado de trabalho e conseqüente elevação da sua qualidade de vida.

Extrapolando a trilha da modernização dos anos 70 e a ideologia do "Milagre Brasileiro", o analfabetismo nessa década manifestou-se como uma dolorosa e incurável chaga dentro da sociedade nacional. Daí o porquê

das proposições do I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) para a educação e, posteriormente a ele, o PSECD (Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos) para 1975/79 e 1980/85, que possibilitou suporte filosófico-ideológico para projetos especiais do MEC como o Pronasec, o EDURURAL e o MOBREAL. (LEITE, 1999, p.48)

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que, ao trabalhar educacionalmente tanto os grupos urbanos como os agrupamentos rurais, tentou transmitir o projeto social e político do governo central, visando exclusivamente à questão econômica e política do regime, isto é, promover o aumento e aceleração da produção, porém, inibindo avanços sociais mais amplos para a classe trabalhadora.

Na década de 90 a partir das pressões dos movimentos sociais do campo, surgem iniciativas institucionais para a criação de uma agenda voltada para o encaminhamento de políticas para a educação no campo envolvendo segmentos da sociedade organizada. O Ministério da Educação, finalmente abre-se à construção de uma política nacional de educação do campo, que vem sendo construída em diálogo com as demais esferas da gestão do Estado e com os movimentos e organizações sociais do campo brasileiro.

No ano de 2002, a escola rural conquista as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Recentemente é criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e, na sua estrutura é instituída a Coordenação-Geral de Educação do campo que busca coordenar um movimento nacional de construção de políticas de educação para o campo.

A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), criada pelo Ministério da Educação em 2004, em articulação com os sistemas de ensino implementa políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, do campo, escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais. O objetivo da SECADI é contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado a valorização das diferenças e da diversidade, a promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade sócio-ambiental visando a efetivação de políticas públicas

transversais e interssetoriais.

A educação do campo é um tema relativamente novo, pois a maioria das ações em prol do assunto aconteceu nas últimas duas décadas.

## **1.2 A Educação Rural no contexto atual**

As diretrizes e bases legais da educação rural são ditadas atualmente em nosso país pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 25 de dezembro de 1996.

A atual LDB promove a desvinculação da escola rural dos meios e da performance escolar urbana exigindo um planejamento interligado à vida rural. Como grande meta, a educação pretende alcançar dimensões sócio-políticas e culturais ótimas com base na cidadania e nos princípios de solidariedade. Para tanto, "a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social" (Brasil/MEC, LDB 9.394/96, art. 1º, § 2º).

Em termos institucionais, o ensino fundamental sob a responsabilidade dos municípios, em princípio, contará com um calendário escolar próprio e

...deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei de modo a favorecer a escolaridade rural com base na sazonalidade do plantio/colheita e outras dimensões sócio-culturais do campo. (Brasil/MEC, LDB 9.394/96, art. 23, § 2º)

Igualmente, dispõe o artigo 28 da mesma lei sobre as adaptações necessárias da estrutura curricular às exigências das unidades escolares instaladas na zona rural, respeitando-se os dispositivos do artigo 32 e seus incisos, no que tange à organização e à estruturação do ensino fundamental.

A educação para a população rural é tratada no presente sob a denominação de Educação do Campo e agrupa uma variada realidade que engloba as mais diversas práticas da vida campesina, tais como os espaços onde vivem os povos tradicionalmente agricultores, extrativistas, caçadores, ribeirinhos, pescadores,

indígenas, quilombolas, posseiros, arrendatários, meeiros, fazendeiros e empregados rurais.

As modernas políticas educacionais para o campo incentivam o resgate dos valores culturais como fator essencial para o desenvolvimento da cidadania. Conforme os itens a, b, c do Caderno por uma Educação Básica do Campo, pode-se encontrar tais orientações postas de forma muito clara, quando este afirma que se faz necessário.

compreender as raízes dos povos do campo (valores moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do povo, símbolos, gestos e mística) e incentivar produções culturais próprias, sensibilizando a sociedade para valoriza-las. Realizar eventos que expressem e promovam as culturas camponesas, indígenas e quilombolas, transformando as escolas em centros de cultura. Romper com os modismos e concepções alienantes, que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem, recuperando sua auto-estima. (1999, p.79)

Leite concorda que o cenário atual é diferente. Para ele, as exigências passaram a ser outras e seguindo essa vertente a educação rural ganha um novo fôlego.

Depois de passar por inúmeros planos, de ser alvo de crítica ou de valorização dos vários segmentos sociais, de ver crescer em seu meio as proposições de uma educação popular, de sofrer um processo de urbanização fortíssimo, a ponto de perder, em muitos casos, sua identidade própria, a escola rural, hoje, volta-se para uma perspectiva de integração e fundamentação de seus princípios pedagógicos ligados ao campo e à vida campesina. (LEITE,1999, p. 112)

### **1.3 A Escola Rural**

Estimada em mais de 30 milhões, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2004, a população que mora no campo é equivalente ao número de habitantes de países como a Argentina e o Canadá. Mesmo com o alto índice de êxodo rural registrado entre 1980 e 1991 - aproximadamente 13 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade durante este período, segundo o IBGE -, são ao todo 7,5 milhões de alunos matriculados em escolas rurais, conforme dados do Censo da Educação Básica de 2006. O número equivale à população da Suíça, porém, os indicadores sócio -econômicos e educacionais, apesar de terem melhorado, ainda estão defasados em relação à realidade encontrada nas áreas

urbanas. Conforme dados do Censo Agropecuário (2006) entre os 11 milhões de pessoas da agricultura familiar e com laços de parentesco com o produtor, quase 7 milhões (63%) sabiam ler e escrever. Mas por outro lado, existiam pouco mais de 4 milhões de pessoas (37%) que declararam não saber ler e escrever, principalmente de pessoas de 14 anos ou mais de idade (3,6 milhões de pessoas).

Historicamente a escola situada no meio rural é repleta de limitações e de improvisos que fazem com que essa instituição seja considerada por muitos como um mero local de alfabetização. Para Furtado (2004), as instituições escolares rurais apresentam características próprias em função da dispersão da população residente sendo que, em sua grande maioria, os estabelecimentos são de pequeno porte, ao se considerar o número de alunos atendidos.

O modelo de escola rural que prevalece na nossa história é composto quase que exclusivamente de classes multisseriadas a cargo de professoras leigas ou com tempo de formação menor e, por conseguinte menor experiência que as professoras das escolas urbanas. Segundo dados do Censo Escolar de 2011, 45.716 escolas do Brasil ainda possuíam salas multisseriadas, onde são ministradas aulas para alunos de diferentes idades e séries. Destas, 42.711 ficam na zona rural e 3.005 na zona urbana – são 1.040.395 matrículas na zona rural e 91.491 na urbana.

Conforme Molina (2006) turmas multisseriadas vêm sendo utilizadas desde o século XIX, como meio de oferecer educação aos estudantes que moravam nos pequenos vilarejos. No Brasil esta organização do espaço pedagógico remete ao período imperial. A problemática da educação do campo não é a forma de organização das escolas, mas as condições em que elas se estruturam e funcionam e as condições do trabalho docente, entre outros fatores que interferem nos processos de gestão e de ensino-aprendizagem.

Evidentemente que as práticas pedagógicas numa turma multisseriada não podem ser concebidas, planejadas, executadas e avaliadas da mesma forma como se faz numa sala seriada, mas é isso que ainda ocorre, na maioria das vezes, isso gera sobrecarga no trabalho docente e no processo de ensino-aprendizagem. (MOLINA, 2006)

Há uma tendência em nosso país de considerar a população rural como



atrasada , fora da modernidade , pois a maioria dos projetos de desenvolvimento são voltados para a população urbana, desta forma vemos uma carência de políticas públicas voltadas para o meio rural , e a educação no meio rural se enquadra neste contexto.

Além disso, segundo ele, a escola rural não leva em conta a realidade na qual está inserida. Brandão (1990) salienta que os conteúdos são os mesmos no campo e na cidade, bem como os períodos de férias e de aulas o que no seu entender é totalmente inadequado ao calendário agrícola de muitas regiões do Brasil.

Zakrzewski (2004) comunga dessa opinião e acrescenta que o currículo e o calendário escolar desconsideram a realidade do campo e acabam desvalorizando a cultura local e promovendo assim a negação dos valores sócio-culturais da população do campo em função dos valores urbanos. Para Zakrzewski (2004) é lamentável que a grande maioria dos livros didáticos, empregados largamente nas salas de aulas do rural, advenha quase que exclusivamente de grandes centros urbanos assinados por pessoas que desconhecem a vasta realidade do campo brasileiro.

Observa-se que as políticas de educação rural implantadas não surgiram para atender às necessidades daquela área, mas para modernizar a produção e viabilizar os interesses do capital ou reproduzir a dominação através do material didático e da ideologia escolar .A tarefa reprodutiva da ideologia dominante leva a obscurecer a realidade , a evitar que as pessoas adquiram uma percepção crítica , que leiam sua própria realidade de forma crítica, que aprendam a razão de ser dos fatos que elas descobrem.(FREIRE,1993)

Parece que a escola e comunidade vivem em dois mundos à parte , a escola pretendendo modificar a cultura comunitária.Acontece que,na medida em que o currículo e o calendário da escola rural é o mesmo da escola urbana, e na medida em que estes são impostos de cima para baixo , de fora para dentro , acabam as escolas rurais resultando alienadas.Em muitos lugares os professores/professoras não tiveram uma formação específica para trabalhar com esta realidade e possuem uma visão de mundo urbana ou uma visão da agricultura patronal.Na situação atual ,

a escola rural continua ignorando , quando não desprezando e desvalorizando , a cultura da comunidade em que se insere.

Raramente encontraremos uma escola onde são abordadas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem da agropecuária como:os altos custos de produção e criação de animais; das “pragas” que atacam as culturas,dos desastres provocados pelo clima,dos baixos preços pagos pelo produção e os altos custos dos insumos,etc.

A educação básica no campo deve ser voltada aos interesses , a política e ao desenvolvimento sócio- cultural e econômico dos trabalhadores rurais ,produzindo valores , conhecimentos e tecnologias que garantam viver com dignidade e que organizados possam resistir contra expropriação e expulsão de sua terra . Para GADOTTI (2000) a única educação verdadeiramente consistente é aquela que inicia pela consciência de diálogo entre o ambiente construído e o não construído , entre a natureza como ambiente e a ação do ser humano no seio da mesma.Trazer este diálogo para a escola rural é pertinente para transformar o(a) aluno(a) filho(a) de agricultores familiares em sujeito de sua própria história, e a educação ambiental pode contribuir neste sentido trazendo à tona este diálogo , não apenas com a escola , mas também envolvendo as comunidades.

A qualidade das escolas brasileiras deve independer de sua localização geográfica, o local da escola é onde estão os alunos, de modo que, se existem alunos no campo estes têm direito a frequentar escolas de qualidade.

## **2 A AGRICULTURA FAMILIAR NO MODELO AGRÍCOLA BRASILEIRO**

### **2.1 A realidade da agricultura familiar brasileira**

Para a compreensão da realidade em que se inserem as escolas rurais que são alvo de estudo neste trabalho , bem como a emergência da inserção da Educação ambiental neste contexto, precisamos traçar um panorama do atual modelo agrícola , sua relação com a agricultura familiar e suas implicações sobre o meio ambiente.

Conforme a CUT(Caderno 4,p.38),entende-se por agricultor familiar todo aquele que tem na agricultura sua principal fonte de renda e cuja força de trabalho no estabelecimento venha fundamentalmente de membros da família ,em contrapartida com o agricultor patronal , que possui grandes propriedades mas não atua diretamente no trabalho da lavoura pois possui empregados que executam o cultivo utilizando intensiva tecnologia.

No Censo Agropecuário de 2006 foram identificados 4.367.902 estabelecimentos de agricultura familiar. Eles representavam 84,4% do total, mas ocupavam apenas 24,3% (ou 80,25 milhões de hectares) da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Já os estabelecimentos não familiares representavam 15,6% do total e ocupavam 75,7% da sua área.

Dos 80,25 milhões de hectares da agricultura familiar, 45% eram destinados a pastagens, 28% a florestas e 22% a lavouras. Ainda assim, a agricultura familiar

mostrou seu peso na cesta básica do brasileiro, pois era responsável por 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo e, na pecuária, 58% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves e 30% dos bovinos.

A maioria dos agricultores familiares são homens(2/3) , mas o número de mulheres também é expressivo, 4,1 milhões de mulheres se ocupam da agricultura familiar como atividade produtiva.O valor médio da renda anual desses agricultores foi de R\$ 13,99 mil reais , a produção vegetal representou 72% da renda das propriedades , especialmente a produção advinda das lavouras temporárias( 42%).Enquanto que a pecuária ocupa o segundo lugar principalmente a produção de leite , frangos e porcos.

## **2.2 A modernização agrícola e os impactos ambientais**

O crescimento da produção agrícola no Brasil se dava, basicamente, até a década de 50, por conta da expansão da área cultivada. A partir da década de 60, o uso de máquinas, adubos e defensivos químicos, passou a ter, também, importância no aumento da produção agrícola. De acordo com os parâmetros da “Revolução Verde”, incorporou-se um pacote tecnológico à agricultura, tendo a mudança da base técnica resultante passado a ser conhecida como modernização da agricultura brasileira (Santos,1986).

O processo de modernização intensificou-se a partir dos anos 70, quando houve, de acordo com dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, um aumento de mais de 1.000% no número de tratores utilizados, em relação à década de 50, chegando este incremento a 6.512% na década de 80, e um aumento de 254% e 165%, respectivamente, no uso de arados a tração animal e nas colheitadeiras, nos anos 80, também em relação à década de 50. A utilização de adubos químicos também se intensificou no Brasil, na década de 70, atingindo um incremento de 1.380%, entre 1965 e 1980, o mesmo ocorrendo com o uso de defensivos, que aumentou 377% neste mesmo período, com destaque para a utilização de herbicidas, que cresceu mais de 8.000%, segundo informações colhidas no Sindicato das Indústrias de Adubos e Corretivos de Estado de São

Paulo.

Além da mudança na base técnica no campo surgem, nos anos 70, como produto da modernização agrícola, os complexos agroindustriais representando a integração técnica entre a indústria que produz para a agricultura, a agricultura e a agroindústria.

Entender, portanto, a modernização da agricultura brasileira como uma simples mudança da base técnica é simplificar, em muito, o seu significado. É importante levar em consideração que a agricultura brasileira sempre se apresentou, ao longo da sua história, subordinada à lógica do capital, sendo um setor de transferência de riquezas. Assim sendo, dentro do seu processo de modernização deve-se dar significado maior à sua transnacionalização e à sua inserção na divisão internacional do trabalho ou, ainda, à penetração do modo de produção capitalista no campo brasileiro (Aguilar, 1986).

O processo de modernização da agricultura brasileira está intimamente ligado à fase conclusiva do processo de substituição de importações – a internalização de indústrias produtoras de bens de capital e de insumos modernos- ou seja, a entrada no país de multinacionais produtoras de tratores, fertilizantes, herbicidas etc. O maior incremento no seu uso coincide justamente com a entrada dessas empresas no país. A partir de então, o desenvolvimento da agricultura não pode mais ser visto como autônomo. A dinâmica industrial passou a comandar, definitivamente, o desenvolvimento da agricultura, convertendo-a num ramo industrial, que compra insumos e vende matérias-primas para outros ramos industriais (Martine, 1990).

É por ter sido um processo integrado ao movimento mais amplo do capital, que se deu, à modernização da agricultura, um caráter imediatista, voltado para o aumento da produtividade no curto-prazo, buscando-se minimizar os riscos e maximizar o controle do homem sobre a natureza aumentando, cada vez mais, a capacidade de reproduzir, artificialmente, as condições da natureza.

Conforme Agra(1998),o uso excessivo de agrotóxicos levou à contaminação dos recursos hídricos do país e, principalmente, à contaminação do homem, que

aplica os agrotóxicos e que ingere os alimentos contaminados. O uso intensivo e inadequado de agrotóxicos ainda trouxe um processo de resistência de pragas, ervas infestantes e doenças (até 1958, eram conhecidas 193 pragas no Brasil; em 1976, o número total de pragas conhecidas na agricultura era 593).

Conforme ALMEIDA (2000), a lógica subjacente é a do controle das condições naturais, através da simplificação e da máxima artificialização do meio ambiente, de forma a adequá-lo ao genótipo<sup>1</sup>, de maneira que este possa efetivar todo o seu potencial de rendimento. Este modelo agrícola, ainda hoje dominante, foi gerado por uma articulação entre os projetos de desenvolvimento nacional e as grandes empresas transnacionais de insumos, industrialização e comercialização de produtos agrícolas.

Com a revolução verde a quantidade, expressa pela produtividade, foi sobreposta à qualidade. As consequências desse modelo implantado foram assaladoras pois os produtores rurais de nosso país se tornaram dependentes dos insumos e equipamentos das indústrias transnacionais, até para produzirem o alimento que usam para seu próprio sustento. Os agricultores familiares perderam o direito de serem cidadãos ao perderem a sua capacidade de serem consumidores e adequar-se ao modelo, pois o fato de serem eles *consumidores – enquanto – produtores* tornou-se condição fundamental para que continuassem existindo *enquanto-produtores*. (SACHS, 1983).

### **2.3 A agricultura sustentável e a educação ambiental**

A agricultura joga hoje um papel-chave em três questões cruciais para a sustentabilidade da sociedade brasileira: a segurança e a qualidade alimentar, a oferta de postos de trabalho e a distribuição espacial da população. Poderíamos ainda dizer que a agricultura num país como o Brasil, de uma enorme extensão territorial, diversidade de ecossistemas e culturas - desenvolvidas na relação com esses ecossistemas -, deve ser pensada e tratada de forma peculiar quando se

---

<sup>1</sup> Genótipo é a manifestação do conjunto de genes (ou de toda a carga genética) que forma um ser vivo.

imagina um modelo sustentável de sociedade. Durante a ECO-92 o Fórum Internacional de ONGS e Movimentos Sociais fez as considerações a seguir:

A agricultura sustentável é um sistema de organização sócio-econômica e técnica do espaço rural, fundada numa visão eqüitativa e participativa do desenvolvimento, e que entende o meio ambiente e os recursos naturais como base da atividade econômica. A agricultura é sustentável quando é ecologicamente equilibrada, economicamente viável, socialmente justa, culturalmente apropriada e orientada por um enfoque científico holístico.

A agricultura sustentável preserva a biodiversidade, mantém a fertilidade dos solos e a boa qualidade dos recursos hídricos, conserva e melhora a estrutura química, física e biológica dos solos, recicla os recursos naturais e conserva a energia. A agricultura sustentável produz alimentos, matérias-primas e plantas medicinais diversificados e de alta qualidade.

A agricultura sustentável utiliza os recursos renováveis disponíveis a nível local, tecnologias apropriadas e acessíveis, minimizando a utilização de insumos externos, aumenta a independência local e a auto-suficiência, assegurando uma fonte de renda estável para os pequenos produtores, suas famílias e para as comunidades rurais, permitindo, ao mesmo tempo, a permanência na terra de um maior número de pessoas, o fortalecimento das comunidades rurais e a integração dos homens ao meio ambiente.

A agricultura sustentável respeita os princípios ecológicos da diversidade e interdependência, e utiliza os conhecimentos da ciência moderna para desenvolver e não para marginalizar o saber tradicional acumulado ao longo dos séculos por grandes contingentes de pequenos agricultores em todo o mundo” (*Fórum Global de ONGs e Movimentos Sociais, 1992: 144 e 145*).

Estes princípios são extremamente pertinentes para a agricultura familiar pois asseguram a participação do produtor nos processos de produção através de sua autonomia, fortalecem as pequenas comunidades que permanecem na terra além de desenvolver uma maior integração do ser humano com o meio ambiente. A agricultura ecológica é um espaço alternativo de resistência porque pretende construir novas formas de relação, baseadas na cooperação, na solidariedade e no respeito à vida. Com isso, fica evidenciada que a agroecologia rima com rompimento dos laços da pobreza política, da subalternidade e da submissão aos padrões tecnológicos (RUSCHEINSKY, 2002)

Porém para que este novo modelo produtivo, ecológico e sustentável seja construído, é imediatamente necessária a reflexão e discussão. Neste sentido, a educação ambiental converte-se num processo estratégico para a tomada de consciência, encaminhar os agricultores ao reconhecimento de seu meio e a se assumir como produtores de alimentos resgatam sua autonomia nas decisões

diárias. A educação ambiental como educação política enfatiza antes a questão “por que” fazer do que “como” fazer. Considerando que a educação ambiental surge e se consolida num momento histórico de grandes mudanças no mundo ela tende a questionar as opções políticas atuais e o próprio conceito de educação vigente, exigindo-a, por princípio, criativa, inovadora e crítica. (REIGOTA, 1994).

A educação ambiental por envolver aspectos da vida cotidiana, deve questionar a qualidade de vida e as relações de dominação existentes na sociedade, trazendo à tona as interdependências entre ambiente e sociedade, principalmente em relação à agricultura onde os recursos do ambiente são constantemente considerados meios de produção e os pequenos produtores se tornaram escravos de um modelo de produção ditado pelas empresas de insumos e biotecnologia.

Conforme a Lei 9795/99 que institui Política Nacional de Educação Ambiental, a esta temática deve envolver todos os segmentos da sociedade, de forma formal, nas instituições de ensino de todos os níveis; e informal envolvendo os movimentos sociais, entidades de classe, etc. Desta forma considero que a Educação ambiental formal voltada para a agricultura familiar deva ser conduzida, nas escolas do meio rural e também do meio urbano cujos alunos são consumidores dos frutos da agricultura familiar ou em muitos casos vítimas do êxodo rural. A educação ambiental informal com estes propósitos pode ser desenvolvida por entidades que representam os agricultores, como os sindicatos, os movimentos de pequenos produtores e cooperativas.

No entanto, ainda é muito recente a ideia de articular ações educativas no sentido da construção de um projeto de desenvolvimento rural sustentável. Conforme Zakrzewski (2004), apesar das inúmeras tentativas de incorporar a EA nos currículos escolares, hoje ainda são poucas as pesquisas e intervenções que buscam promover uma Educação Ambiental voltada à população do campo.

Contudo, a realidade atual demonstra a grande necessidade de encontrar um lugar apropriado para a EA dentro do projeto educativo das escolas rurais, bem como evidenciar e fortalecer as relações entre a EA e outros aspectos da educação no campo.



Segundo Leite (1999),

Este encaminhamento metodológico oportunizará aos alunos a compreensão, conhecimento e identificação de problemas ambientais locais, podendo, desde já, adotar posturas em suas casas, comunidade e na própria escola. Posturas traçadas por ações propositivas e decididas que venham atenuar o esgotamento dos recursos ambientais. (LEITE, 1999, p. 58)

Precisamos ter cada vez mais claro qual é o papel político da EA no meio rural. “Ela é um componente nodal e não apenas um acessório da educação, pois envolve a reconstrução do sistema de relações entre as pessoas, a sociedade e o ambiente natural” (Zakrzewski, 2004, p.85)

A escola rural necessita de uma EA diferenciada que, baseada em um contexto próprio, veicule um saber significativo, crítico, historicamente contextualizado, do qual se extraem indicadores para a ação, reforçando um projeto-político-pedagógico vinculado a uma cultura política libertária, baseada em valores como a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (Zakrzewski, 2004)

A educação ambiental pode transformar a escola do meio rural, aliada a EMATER e Sindicatos Rurais, em um centro de aprendizagem comunitário que leva a comunidade a questionar os seus problemas ambientais e sociais, resgatar os saberes tradicionais e desenvolver novas técnicas sustentáveis de produção. Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. (CAPRA, 1996)

A educação ambiental tem uma importante função a desempenhar no sentido de questionar e encontrar meios de superar o atual modelo agrícola, principalmente entre agricultores familiares resgatando a solidariedade e maior integração entre os produtores e o meio ambiente, contribuindo para a melhoria das condições de vida, para a consolidação dos mesmos como sujeitos sociais e para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Assim a educação ambiental no meio rural deve ter o objetivo de desenvolver o respeito ao ambiente natural, o trabalho cooperativo, o espírito crítico, a iniciativa e

o despertar de atitudes novas, desta forma estará à escola rural contribuindo com a valorização do patrimônio cultural e natural local.

## **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

### **3.1 A pesquisa em Educação Ambiental**

Toda investigação nasce de algum problema sentido ou observado, de tal modo que não pode prosseguir, a menos que se faça uma seleção da matéria a ser tratada. Esta seleção requer alguma hipótese ou pressuposição que irá guiar e, ao mesmo tempo, delimitar o assunto a ser investigado. Após definido o objeto de estudo surge à necessidade de selecionar as formas de investigar esse objeto.

De modo que essa pesquisa se respalda nas técnicas e métodos conhecidos como pesquisa qualitativa uma vez que o trabalho com a Educação Ambiental está ligado a elementos concretos e abstratos difíceis de serem quantificados. Entretanto, a pesquisa não nega a importância do aspecto quantitativo que deverá ser utilizado em determinados momentos.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser reduzido apenas em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Tecendo considerações a respeito deste tipo de pesquisa, Minayo et al. (1994) afirmam que esta responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Assim, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças,

valores e atitudes. Dedicar-se àquilo que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

#### A variável qualitativa segundo Almeida (1989)

é uma variável que se refere a uma característica ou atributo da pessoa e não pode ser manipulada ou é de difícil de ser manipulada. As variáveis que indicam características humanas como sexo, educação, status, atitude, são variáveis qualitativas. Elas são normalmente descritivas, mas podem ser quantificadas.(ALMEIDA, 1989. p. 60)

Assim, a pesquisa busca associar dados qualitativos e quantitativos que, neste caso, se complementam na análise da realidade estudada. Esse procedimento metodológico pretende utilizar-se da vivência, da experiência e do cotidiano dos alunos e docentes das escolas rurais para a compreensão de seus saberes e percepções a cerca da Educação Ambiental.

O que se pretende avaliar não é a quantidade de conhecimento, mas a capacidade destes em acioná-los e buscar novos saberes para realizar e qualificar sua prática. Portanto, os instrumentos de avaliação só cumprem com sua finalidade se puderem diagnosticar o uso funcional e contextualizado dos conhecimentos ambientais. Para tanto, o processo metodológico contou a aplicação de questionário e posterior entrevista semi-estruturada , conforme anexo

O questionário composto por questões fechadas foi aplicado aos docentes das 7 escolas rurais do município de Teutônia , no intuito de absorver suas compreensões e identificar suas práticas em Educação Ambiental.

Além dos docentes , alunos do 5 ° ano responderam um questionário com questões para avaliar as atividades e vivências que estes foram submetidos ao longo do seu processo educacional.

O questionário é um importante instrumento de pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. Para Gressler (2004), a maior vantagem do questionário é a sua versatilidade, além disso, assegura maior liberdade para expressar opiniões.

As entrevistas serviram de complemento às informações obtidas através dos questionários. Conforme Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios que o investigador dispõe. Segundo ele, essa técnica parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

A entrevista abordou temas referentes ao local, à educação ambiental, os projetos e conquistas das Escolas bem como a visão de alunos do 5º ano e os docentes a cerca das temáticas ambientais. O conteúdo dessas entrevistas procurou descrever o modo de pensar e agir dos entrevistados relacionando tais variáveis a determinantes culturais, além de buscar delinear o ambiente sócio-ambiental no qual estão inseridos.

### **3.2 Caracterizando o universo de pesquisa**

A história de Teutônia está relacionada com a da imigração alemã, iniciada em 1824, com a criação da Colônia Alemã de São Leopoldo e a chegada dos primeiros colonizadores. Antes disso, a região era ocupada por indígenas da tribo Guaianazes, pertencentes à nação Tupi-guarani.

A ideia de criar a Colônia de Teutônia foi do comerciante atacadista Carlos Schilling que, em 1858, adquiriu terras devolutas para dar início ao seu projeto. Logo iniciou a venda de lotes, cada um com 500 braças quadradas. Para fazer frente às crescentes despesas do investimento, Carlos Schilling criou, junto com outros sócios, a "Empresa Colonizadora Carlos Schilling, Lothar de la Rue, Jacob Rech, Guilherme Kopp e Companhia". Em 26 de novembro de 1861, esta empresa adquiria mais uma área de terra para o acesso a nova colônia. Área esta pertencente ao então município de Taquari. Em 1862 a referida empresa nomeou o agrimensor Lothar de la Rue como diretor da Colônia, com o objetivo, entre outros, de executar

os serviços de medição das terras.

Durante a Guerra do Paraguai, uma comissão de suíços e alemães, estabelecidos na província argentina de Corrientes, sem esperança de prosperar, percorreu os núcleos coloniais do Rio Grande do Sul, optando por transferir-se para a Colônia de Teutônia.

Nos anos de 1865/1866 chegaram a Teutônia os primeiros colonos, boa parte vinda da antiga zona colonial de São Leopoldo, alguns de Santa Catarina e outros diretamente da Alemanha (Pomerânia, Saxônia, Boêmia, Silésia) e da colônia frustada de São Carlos, na Argentina.

Em 1868, com a saída de La Rue, Carlos Arnt assumiu a direção da Colônia. Nesse mesmo ano, a chegada de 41 imigrantes Westphalianos deu novo impulso ao processo de desenvolvimento da região.

Sobre a formação das primeiras comunidades, sabe-se que a primeira picada aberta em Teutônia foi a "Gluck Auf", ou seja, "Picada da Boa Sorte" (hoje bairro Canabarro), que contava com 48 lotes já no ano de 1858. Em 1860 foi aberta a Picada Hermann (Linha Germano), com 56 lotes e, em 1865, a Picada Boa Vista, com 52 lotes, seguindo-se a Picada Frank, em 1868, com 92 lotes. De 1869 a 1870: Picada Schmidt, Picada Clara e Picada Welp, com 49, 23 e 10 lotes, respectivamente. Outras picadas foram abertas entre 1872 a 1878, como a Picada Catarina.

A população, naquela época, já estava em 2.241 pessoas, constituída por 386 famílias.

Desde então, o atual Município de Teutônia passou por um notório processo de desenvolvimento econômico e social, acelerado a partir de 24 de maio de 1981, com o advento da emancipação política, e que perdura até os dias atuais.

Teutônia é um município com uma área de 178,624 km<sup>2</sup>, situado no Vale do Taquari, região de colonização alemã, possui atualmente uma população de 27.272 habitantes onde 80% residem na zona urbana e 20% na zona rural, o quadro abaixo

revela a evolução do êxodo rural nos últimos anos.

	<b>1991</b>	<b>1996</b>	<b>2000</b>
<b>Pop. total</b>	17580 hab	19969 hab	21145 hab
<b>Pop.urbana</b>	11638 hab -66%	14041hab – 70%	16897hab –80%
<b>Pop.rural</b>	5942 hab –34%	5928 hab –30%	4247 hab-20%

Quadro 1 –Crescimento populacional(Fonte:IBGE)

A população urbana está distribuída em quatro bairros urbanizados e dois que estão bairros em fase de urbanização Na zona rural podemos observar altos índices de êxodo rural ,a maior parte das propriedades rurais são minifúndios pertencentes a agricultores familiares que possuem em média 8 h a de terra e se dedicam a atividades agrosilvopastoris . A cidade de Teutônia tem demonstrado um grande crescimento impulsionado pela indústria calçadista, avicultura e grandes indústrias de laticínios.

Teutônia é a segunda maior economia entre os 39 municípios filiados à Associação dos municípios do Vale do Taquari (AMVAT), de acordo com o índice de retorno do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). A base da economia do município é constituída pela atividade industrial e pela produção agropecuária.

Atualmente, 1.454 empresas estão estabelecidas no município, sendo 173 estabelecimentos industriais, 603 estabelecimentos comerciais e 678 prestadores de serviços. Encontram-se registrados, outrossim, 582 profissionais liberais das mais diversas áreas. O setor industrial é liderado pela indústria alimentícia (duas indústrias de laticínios, três de compotas, uma de embutidos e 26 panificadoras) e pela indústria calçadista, seguidas pelos setores de esquadrias, moveleiro, metalúrgico e lapidação de pedras.

A indústria é responsável por 85,06% dos empregos diretos no município (5.712 postos de trabalho), seguida pelo comércio, com 12,75% (1.198 postos de trabalho). A prestação de serviços corresponde a 2,19% (215 postos de trabalho).

O município ocupa lugar de destaque no estado em relação a geração de

renda mas não apresenta bons indicadores sociais, conforme dados da Fundação de Economia e Estatística o município possui a 51° melhor renda do estado , porém ocupa 44° lugar em investimentos em Saúde,60° lugar em investimentos em Educação e 144° nos investimentos em Saneamento Básico. Assim podemos observar que existe má distribuição de renda e uma grande disparidade social entre a população .Entre as atividades econômicas que merecem destaque estão a indústria calçadista , moveleira e de laticínios,além do comércio e serviços.Na agropecuária destacam-se a produção de milho, leite, frangos e suínos que são produzidos para uma cooperativa que beneficia e comercializa os produtos. Ao contrário do passado, as propriedades dos agricultores familiares hoje não produzem de forma diversificada, trabalham utilizando-se da mecanização agrícola principalmente nas lavouras de milho que são transformadas em silagem para o inverno, mesmo aqueles que não possuem as máquinas passam a contrata-las ,além de fazerem uso de grande quantidade de insumos como adubos e defensivos em suas lavouras.Todas estas técnicas encarecem muito a produção e o produtor passa a desconsiderar o valor da sua própria mão-de -obra nos custos finais do produto expropriando sua força de trabalho e sua terra para os interesses da cooperativa, com quem estabelecem uma relação de submissão. Nos últimos anos houve um incentivo e consequentemente um incremento na produção de madeira com o plantio de acácia e eucalipto podendo observar a substituição das pequenas lavouras e matas nativas por florestas comerciais monoculturais.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Escolas rurais de Teutônia

Teutônia possui 2 escolas particulares , 3 escolas estaduais e 13 escolas municipais.As escolas municipais atendem cerca de 2000 alunos sendo que destas 7 estão localizadas na zona rural mas totalizam apenas 233 alunos. No quadro abaixo 2 apresento a relação de alunos por escola na sua respectiva comunidade .

<b>NOME DA ESCOLA</b>	<b>LOCALIDADE</b>	<b>Nº DE ALUNOS</b>	<b>SERIAÇÃO</b>
E.M.Andrade Neves	Linha Boa Vista Fundos	8	Multisseriada 1º-5º ano
E.M.Bento Gonçalves	Boa Vista	46	Multisseriada 1º-5º ano
E.M.Floriano Peixoto	Linha Catarina	11	Multisseriada 1º-5º ano
E.M. Getúlio Vargas	Linha Harmonia	18	Multisseriada 1º-5º ano
E.M. Guilherme Rotermond	Linha Harmonia Alta	16	Multisseriada 1º-5º ano
E.M São Jacó	Linha São Jacó	25	Ed Infantil – 5º ano
E.M. Dom Pedro I	Linha Clara	55	Ed Infantil ao 5º ano

Quadro 2 – Escolas rurais , Teutônia ,2013. (Secretaria Municipal de Educação)

### 4.2 Respostas dos alunos

Com o objetivo de conhecer as representações de meio ambiente dos alunos das escola rurais, foram entrevistados os alunos de 5º ano , um aluno em cada instituição.Na entrevista foram avaliadas também questões sobre a realidade que a

família se insere , os projetos que participou na escola em que estuda , se gosta do lugar que mora e suas perspectivas em relação ao futuro. Os trabalhos baseados na teoria das representações sociais, segundo Azevedo (1999), buscam compreender os fenômenos sociais e a maneira como estes são captados, interpretados, visualizados e expressos no cotidiano pelos indivíduos ou grupos sociais. Nessa perspectiva, as representações sociais possibilitam ao sujeito tomar consciência de seus pensamentos, de suas ideias, de sua visão, de suas atitudes, levando-o a acumular conflitos e a encontrar uma maneira de tornar familiar aquilo que lhe é desconhecido.

#### 4.2.1 Perfil dos alunos entrevistados

Dos 7 alunos entrevistados, apenas um reside na zona urbana e frequenta uma escola rural , dos demais 5 sempre residiram na zona rural e 1 mudou-se recentemente para a zona rural.

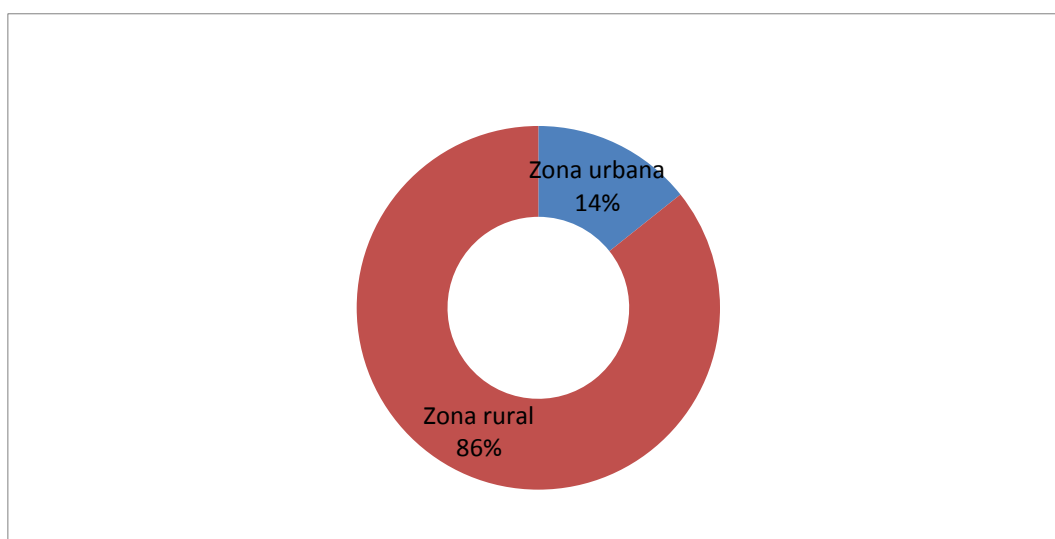


Figura 1 – Local que reside , Teutônia , 2013.

Para entender a dinâmica familiar é importante conhecer a profissão dos pais, como podemos perceber na figura 2, 57% dos alunos entrevistados residem no meio rural mas sua família não vive mais da agricultura , utilizando o meio rural apenas como um dormitório , este fenômeno é chamado de pluriatividade .Conforme SCHNEIDER(2004), a pluriatividade refere-se a um fenômeno que se caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família. A emergência da pluriatividade ocorre em situações em que

os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não agrícolas. A pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas. Objetivamente, a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura. Famílias pluriativas são aquelas que se caracterizam pela combinação de atividades agrícolas com outras não agrícolas por pessoas que pertencem a uma mesma família e residem no meio rural. Famílias monoativas se caracterizam pela exclusividade do trabalho agrícola no interior da propriedade na qual residem. Conclui-se analisando a figura 2, que neste estudo as famílias pluriativas são maioria em relação às famílias monoativas, o que repercute na renda e na qualidade de vida familiar.

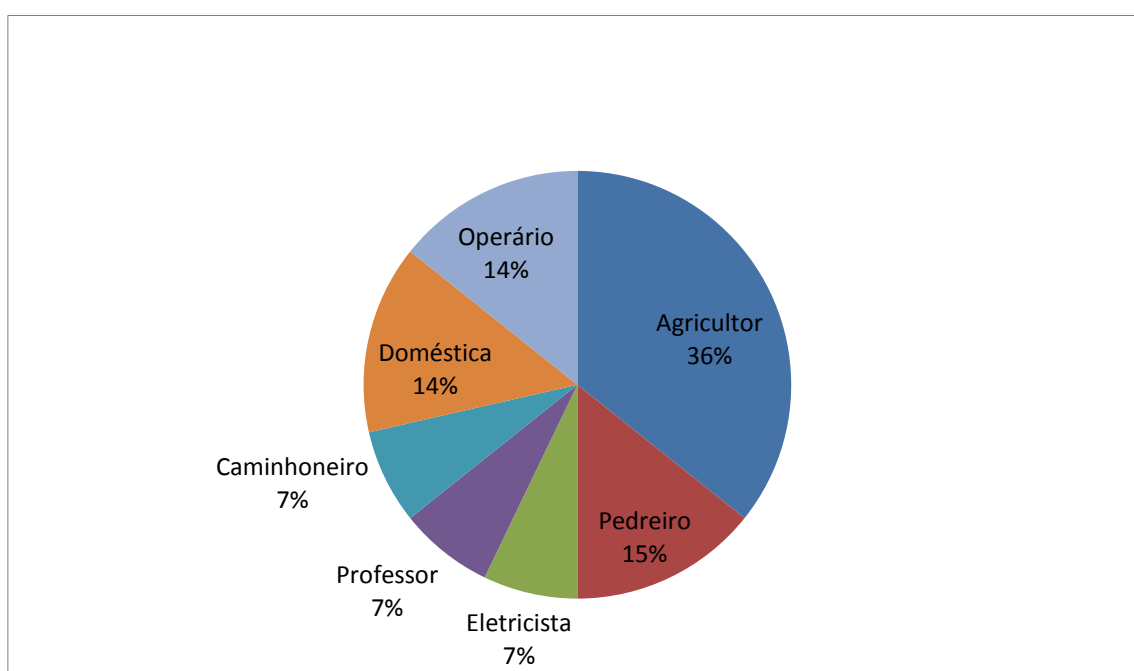


Figura 2 – Profissão dos pais, Teutônia, 2013

Como podemos perceber na figura 3, a produção de leite, milho e frango se destacam como os produtos mais produzidos com fins comerciais e são produzidos pelas famílias monoativas, que mantêm na agricultura sua maior fonte de renda, as demais culturas citadas em sua grande maioria são culturas de subsistência, sendo consumidas pela própria família, haja visto que a maioria não tem na agricultura sua principal atividade econômica, tratam-se portanto de famílias pluriativas, que na tentativa de ampliar a sua renda, vendem a sua força de trabalho e exercem outras atividades concomitantes a agricultura.

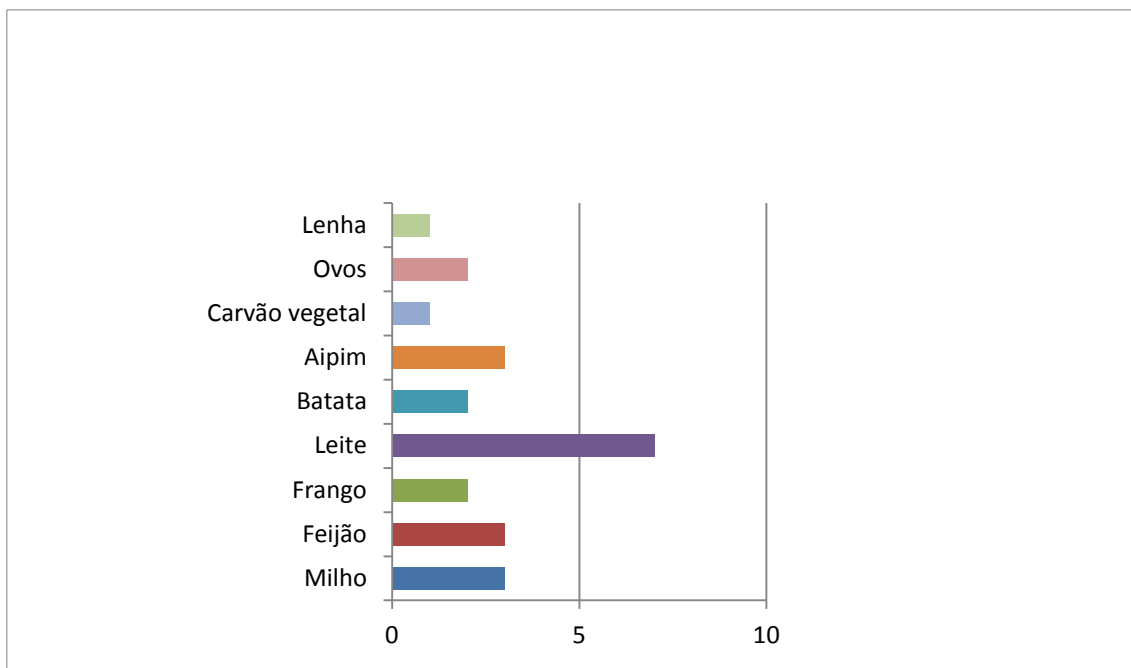


Figura 3 - Produção , Teutônia, 2013

#### 4.2.2 Percepção sobre o lugar que mora e perspectivas de futuro

Todos os entrevistados gostam do lugar que moram, por que o meio rural é calmo e tranquilo, tem bastante espaço para brincar, tem a oportunidade de conviver com várias espécies de animais. Podemos perceber nestas respostas que estes alunos possuem uma relação amorosa com o ambiente que vivem.

#### 4.2.3 Representações sociais sobre meio ambiente

O estudo do meio ambiente como objeto de representações sociais tomou como base os trabalhos de Marcos Reigota, que parte do princípio de que a Educação Ambiental deve acontecer a partir da identificação das representações sociais das pessoas envolvidas no processo educativo. Lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2004).

Nesta definição de meio ambiente fica implícito que:

1 - Ele é "determinado": - quando se trata de delimitar as fronteiras e os momentos específicos que permitem um conhecimento mais aprofundado.

Ele é "percebido" quando cada indivíduo o limita em função de suas representações sociais, conhecimento e experiências cotidianas.

2 - As relações dinâmicas e interativas indicam que o meio ambiente está em constante mutação, como resultado da dialética entre o homem e o meio natural.

3 - Isto implica um processo de criação que estabelece e indica os sinais de uma cultura que se manifesta na arquitetura, nas expressões artísticas e literárias, na tecnologia, etc

4 - Em transformando o meio, o homem é transformado por ele. Todo **processo de transformação** implica uma história e reflete as necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos de uma sociedade.(REIGOTA,1991)

Para Azevedo (1999), ao buscar conhecer essas representações, o professor pode confrontar as ideias dos alunos com aquilo que ensina, levantando questões importantes que possibilitem refletir sobre suas práticas educativas, verificando a necessidade ou não de trabalhar na perspectiva da superação de visões ambientais eventualmente distorcidas que os alunos possam ter. No entanto, é necessário não esquecer que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos (FREIRE, 2002)

Podemos perceber na figura 4 que os alunos entrevistados demonstram um representação naturalista de meio ambiente , pois consideram meio ambiente as florestas, os rios e animais .De acordo com Azevedo (2001), existem três tipos diferentes de representação social de meio ambiente: a naturalista, a globalizante e a antropocêntrica. A representação naturalista, *"é caracterizada por noções dos aspectos naturais, às vezes se confundindo com os conceitos ecológicos de habitat, nicho ou ecossistema"* (Azevedo *op. cit.*, p.80). Na representação antropocêntrica, o objetivo principal está na utilização dos recursos naturais para a sobrevivência do homem e a representação globalizante, evidencia as relações recíprocas entre natureza e sociedade e requer, portanto, um nível cognitivo mais elaborado.

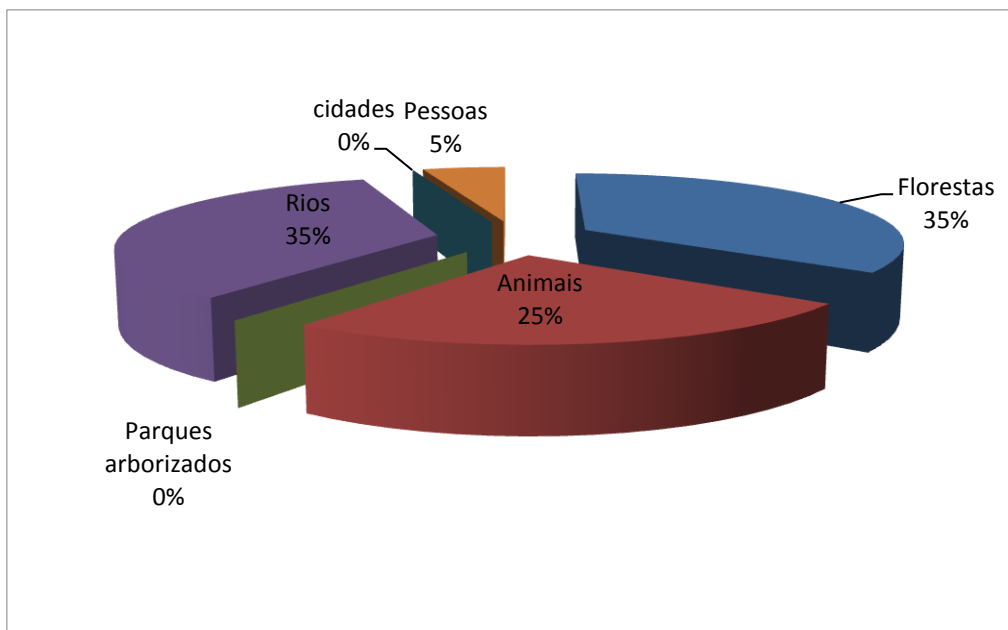


Figura 4 - Representação social de Meio ambiente de alunos de 5º ano, Teutônia, 2013.

Acreditamos que a criança se socializa a partir das interações que estabelece em seu meio. Os diferentes ecossistemas terão um impacto diferenciado sobre a socialização infantil, refletindo diretamente no modo como a criança percebe e se relaciona com o meio-ambiente. Com o objetivo de elucidação do fenômeno destacado, devemos empreender uma compreensão ampliada acerca do desenvolvimento que passa a ser analisado a partir da perspectiva da apropriação participativa. Desta forma, partimos do princípio orientador de que a criança construirá representações sociais com base na experiência de vida que se efetiva em seu meio sócio - ambiental. Concordamos com Moscovici quando este sustenta que

Antes de tudo trata-se de considerar o homem como uma força da natureza, uma força entre outras. Seu interesse lhe aconselha a estreitar as ligações, de permitir que as outras forças se desenvolvam, se renovem, em vez de esgotá-las numa busca sem fim de energias a explorar e de espécies para destruir, de uma abundância que se transforma continuamente em escassez; de renunciar a esta atitude predatória tão fortemente ancorada nele. (Moscovici, in Diegues, 1998, p. 57).

Podemos perceber que os entrevistados possuem consciência dos danos que nós seres humanos causamos no ambiente, citando inclusive a violência que é um problema social. Percebe-se também que os problemas citados em sua grande maioria são problemas que afetam a sua comunidade, visto que o lixo é um

problema no meio rural , pois as populações rurais consomem os mesmos materiais que a população urbana, e o volume de lixo gerado no meio rural está crescendo , porém em muitos locais não existe sistema de recolhimento. Cabe aos professores sistematizar essas discussões, pois discutir sobre elas significa também discutir sobre nosso próprio destino em sociedade (GADOTTI, 2000)

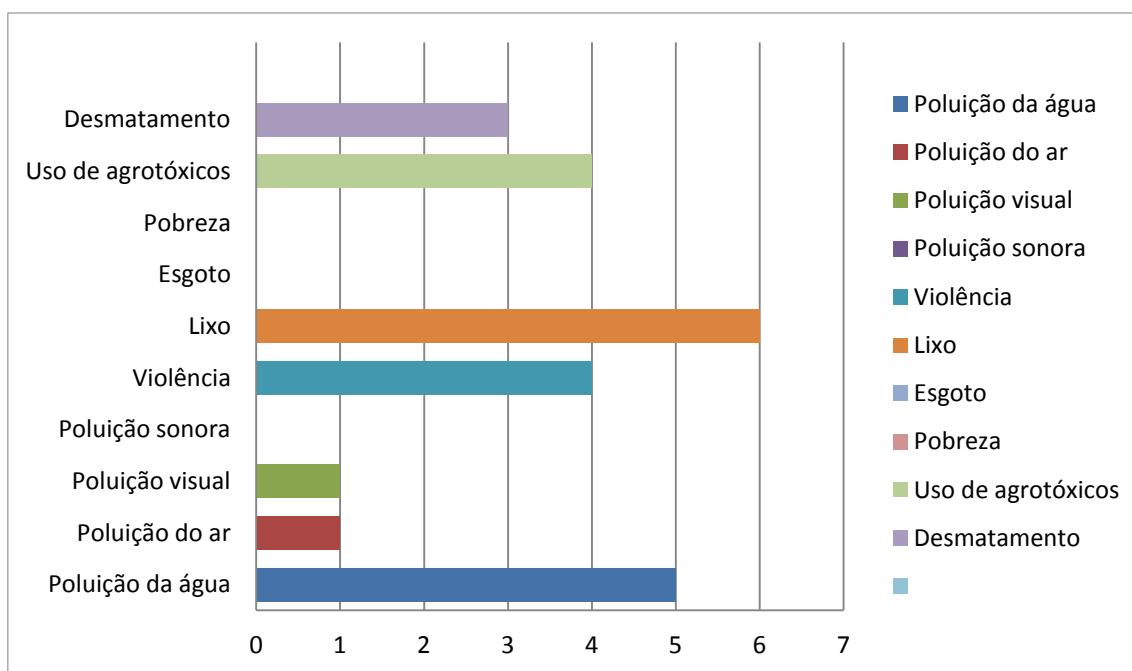


Figura 5 - Problemas ambientais – Teutônia - RS

Como podemos perceber na figura 6 , a escola continua sendo uma importante fonte de informação sobre meio ambiente , ocupando um papel central na construção do conhecimento a respeito de questões ambientais ao despertar o interesse por este tema. Alunos motivados usam a internet e outras fontes para aprofundar seus conhecimentos fomentando o interesse no tema que irá persistir fora dos portões da escola e na vida adulta. Equipados com esse conhecimento, os alunos estão mais bem preparados para realizar escolhas difíceis como as que serão requeridas deles quando se tornarem adultos em um ambiente natural cada vez mais ameaçado.

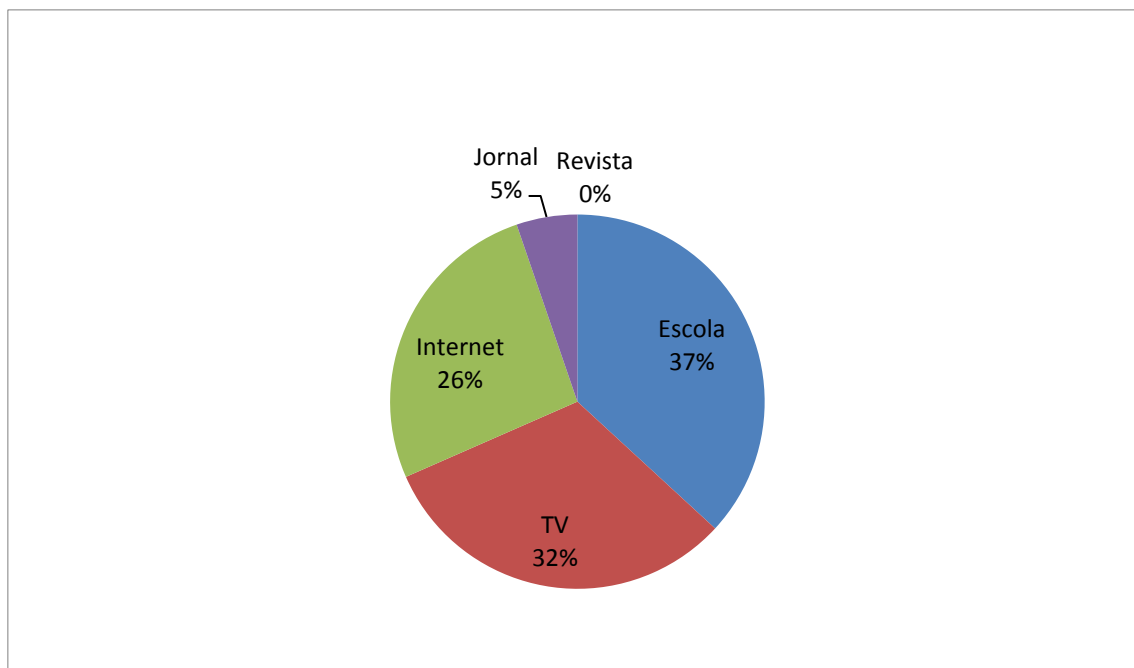


Figura 6 - Fontes de informação sobre Meio Ambiente –Teutônia-RS

O acesso à informação é fundamental para evitar a exclusão social, mas é importante que pessoas tenham não apenas o acesso à informação, mas também a qualidade no acesso de acordo com suas realidades para poderem aplicá-la no sentido de buscar transformar estas realidades. Somente em uma sociedade que conseguir democratizar conhecimento e informação de uma forma global conseguiremos prosseguir para o desenvolvimento social. Conhecer os problemas ambientais globais e agir sobre eles a nível local, é desenvolver a cidadania. A educação ambiental pode contribuir significativamente para a leitura da realidade do homem /mulher rural. Conforme REIGOTA,(1994), a educação ambiental deve orientar-se para a comunidade, incentivando o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidade específica, *“os cidadão do mundo atuando nas suas comunidades.”*

#### 4.2.4 A educação Ambiental na escola que estudo

Atividades ao ar livre, envolvendo a terra foram citados com grande entusiasmo pelos alunos ao falar sobre os projetos de horta e jardinagem. A horta escolar enquanto projeto pode integrar as diversas fontes e recursos de aprendizagem, integrado ao dia a dia da escola pode ser uma fonte de observação e pesquisa exigindo uma reflexão diária por parte dos educadores e educandos



envolvidos.

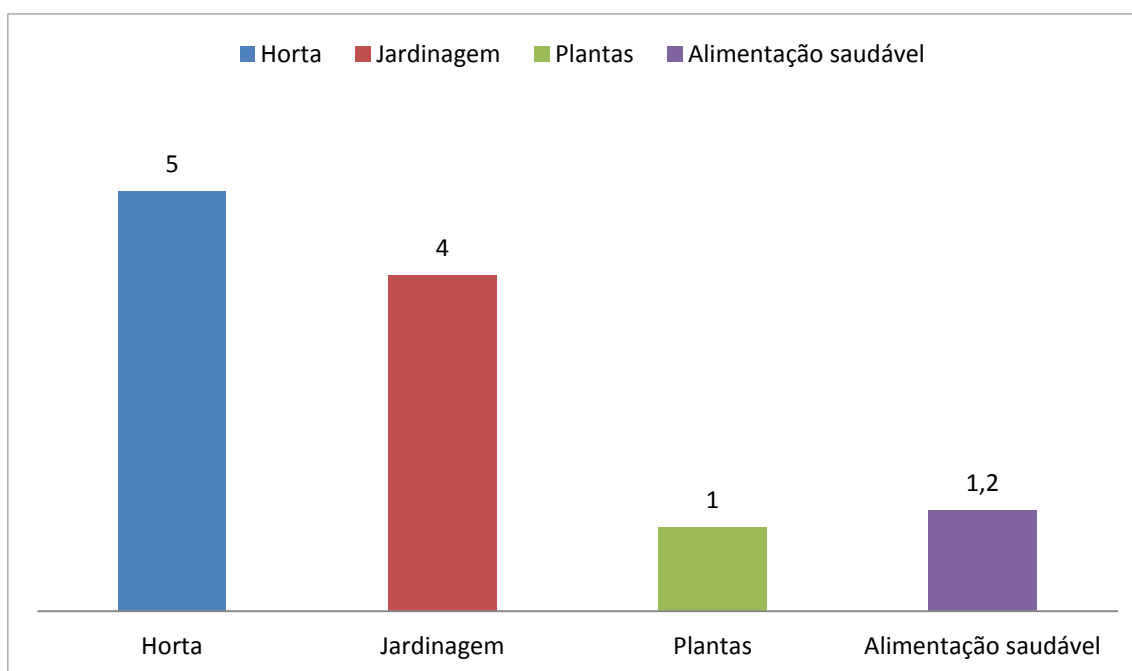


Figura 7 - Projetos desenvolvidos pela escola – Teutônia -RS

O projeto Horta Escolar pode propiciar possibilidades para o desenvolvimento de ações pedagógicas por permitir práticas em equipe explorando a multiplicidade das formas de aprender. Para LARROSA( 2002) a experiência é um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.

A alimentação saudável também foi citada pelos alunos como um projeto, fazendo a relação entre meio ambiente e saúde .A Organização Mundial da Saúde (OMS) define que uma das melhores formas de promover a saúde é por meio da escola porque ela é um espaço social onde muitas pessoas convivem, aprendem e trabalham. Além disso, é na escola que a criança e o adolescente toma contato com os programas de educação para a saúde e educação ambiental. Neste sentido todos os espaços escolares passam a ser educativos, inclusive o pátio e o entorno da escola, assim como professores , funcionários e a comunidade como um todo; passam a servir de modelo para os alunos, exemplos positivos e até mesmo os negativos são assimilados pelos educandos.

Portanto, mais do que a denúncia dos problemas ambientais, as ações com relação a esse tema devem proporcionar aos alunos a possibilidade de intervir na realidade local e de viver experiências concretas de prevenção, manutenção e recuperação do espaço em que vivem .A horta escolar tem por finalidade a aprendizagem de práticas ecológicas que podem ser irradiadas para a comunidade; a aprendizagem de conteúdos curriculares; o desenvolvimento de valores, e habilidades, através da organização e produção coletiva; a produção de alimentos orgânicos e enriquecimento da qualidade da merenda escolar.

Uma vez vencido e abandonado o saber da experiência e uma vez separado o conhecimento da existência humana, temos uma situação paradoxal. Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas de conhecimento que atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando- atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando- a. A vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se.(LARROSA,2002)

### **4.3 Resposta dos professores**

Com o objetivo de conhecer a prática da educação ambiental no cotidiano das escolas rurais de Teutônia, foram entrevistados os professores das 7 escolas que se encontram no meio rural através de uma entrevista.A entrevista abordou temas referentes ao local, à educação ambiental, os projetos e conquistas das Escolas bem como a visão dos docentes a cerca das temáticas ambientais. O conteúdo dessas entrevistas procurou descrever o modo de pensar e agir dos entrevistados relacionando tais variáveis a determinantes culturais, além de buscar delinear o ambiente sócio-ambiental no qual estão inseridos.

#### **4.3.1 Perfil dos professores das escolas rurais de Teutônia**

Como podemos perceber no gráfico o sexo feminino é predominante nas escolas , fenômeno que ocorre no Brasil todo. Conforme dados do MEC ,as mulheres compõem 81,5% do total de professores da Educação Básica do País.

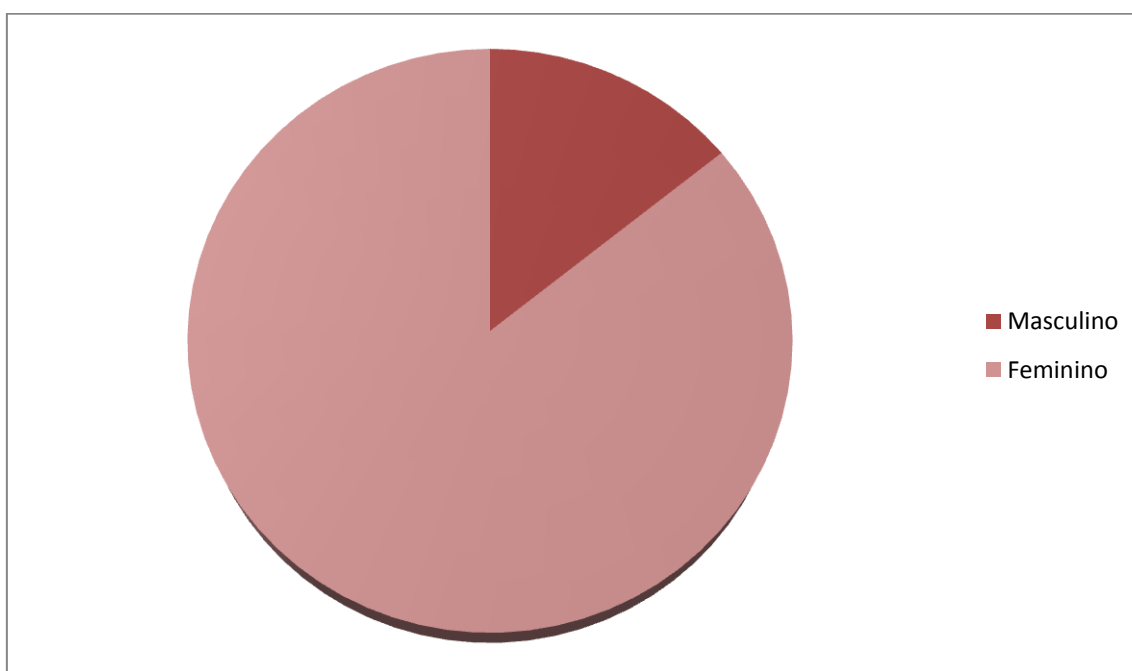


Figura 8 - Gênero – Teutônia - RS

A maioria dos professores entrevistados são profissionais com muitos anos de carreira e estão no final de sua vida profissional , no Brasil todo observamos que está ocorrendo um envelhecimento dos profissionais , fato que preocupa gestores , pois paralelo ao envelhecimento observa-se que os jovens não buscam pela carreira.

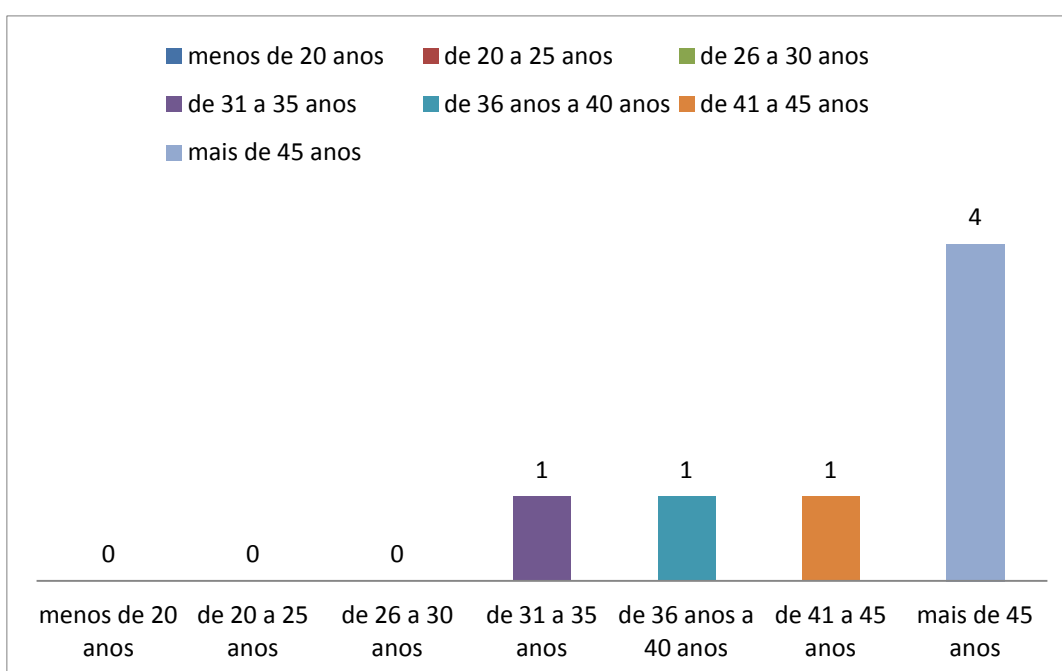


Figura 9 - IDADE –Teutônia - RS

Conhecer a cidade , a comunidade e estabelecer uma relação de diálogo e confiança , promovendo “situações de encontro” a fim de conhecer os recursos da comunidade e os aspectos da sua realidade, trazem melhorias no processo de ensino-aprendizagem. Na figura 10 podemos observar que os professores entrevistados residem a muitos anos na cidade o que facilita o vínculo com a comunidade em que atuam.

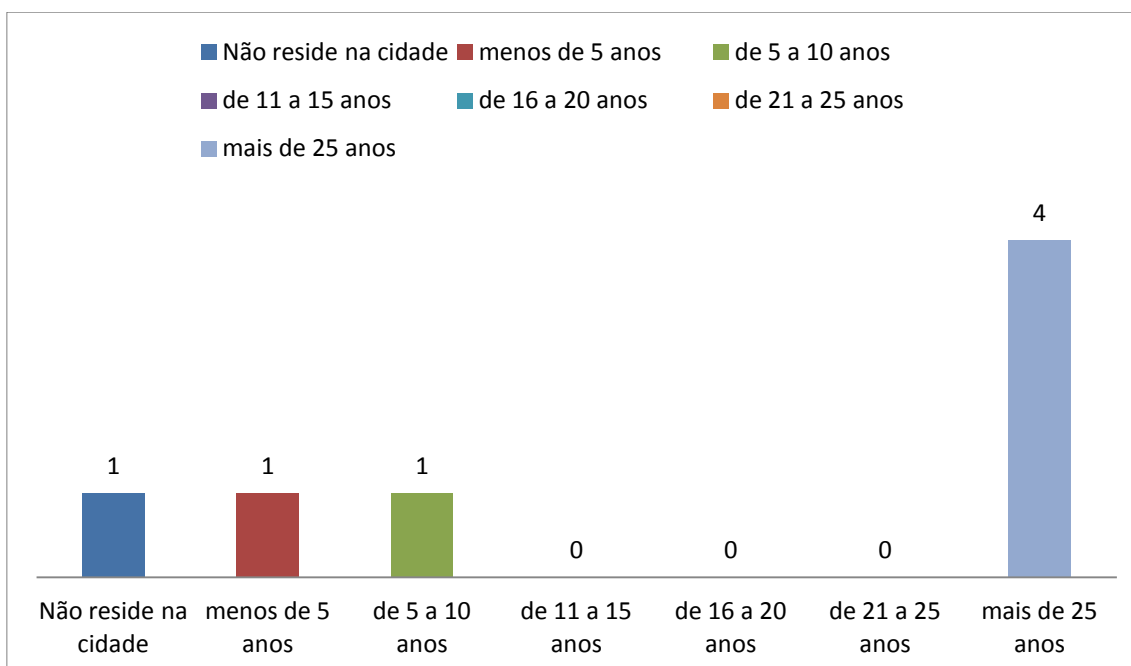


Figura 10 - Tempo de residência – Teutonia -RS.

Na figura 11 podemos perceber que 71% dos professores residem no meio rural do mesmo, o que se torna positivo, tendo em vista que os professores são conhecedores da realidade do campo e assim dos alunos ao quais ensinam. Todos os estudiosos da percepção ambiental concordam que o espaço geográfico implica diretamente no olhar acerca do ambiente. Segundo Tuan (1983), existe uma estreita relação entre vivência e tempo. Para ele, não é possível adquirir senso de lugar pelo simples ato de cruzar por ele. Assim, particularidades como o tempo e a localização da área onde se reside influem na interpretação e na valoração que damos aos mais variados ambientes.

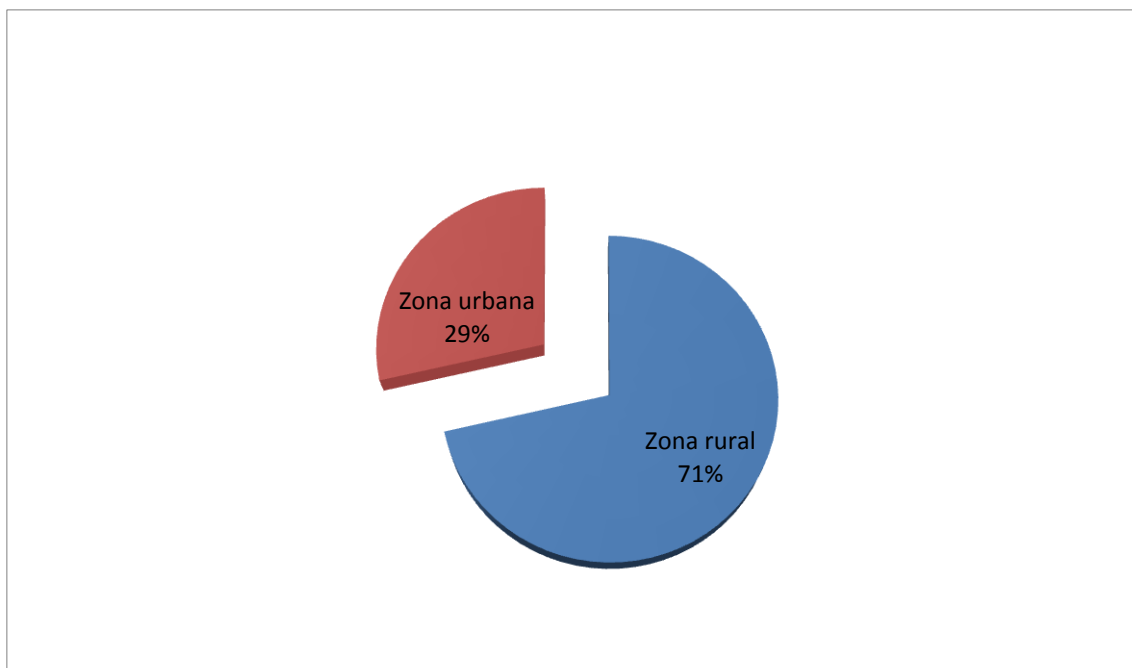


Figura 11 - Onde reside – Teutônia -RS

#### 4.3.2 Formação e experiência pedagógica

Na figura 12 podemos observar que os docentes entrevistados procuram constantemente se qualificar, pois apenas 14% não possui graduação, sendo que 43% dos entrevistados além da graduação realizaram também uma especialização. Entre os graduações podemos citar o curso de pedagogia, letras, serviço social e história. Enquanto isso as especializações citadas foram em psicopedagogia e gestão educacional. Nenhum dos entrevistados tem alguma formação específica para educação no campo, ou formação na área ambiental, o que poderia contribuir em sua prática cotidiana. De acordo com as Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo, os saberes docentes necessários aos professores das escolas devem levar em conta as especificidades do meio rural:

Art. 13. Os sistemas de ensino, além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no País, observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I – estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do País e do mundo;

II – propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas (BRASIL, Ministério da Cultura, 2002, p. 41).

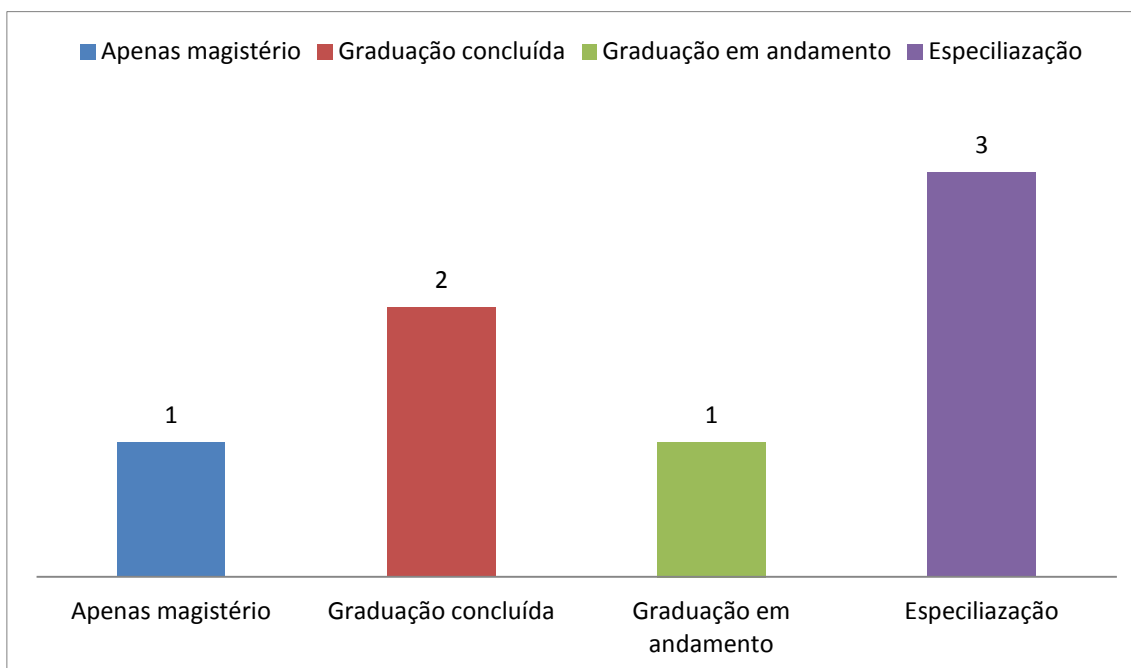


Figura 12 - Formação dos professores – Teutônia- RS

Com base na Figura 13 pode-se observar que nenhum dos professores apresenta menos de 10 anos de atividade em sala de aula, a maioria dos profissionais que atuam como docentes a mais de 25 anos. Assim, é possível inferir que o grupo de professores das escolas pesquisadas possui larga experiência na prática docente.

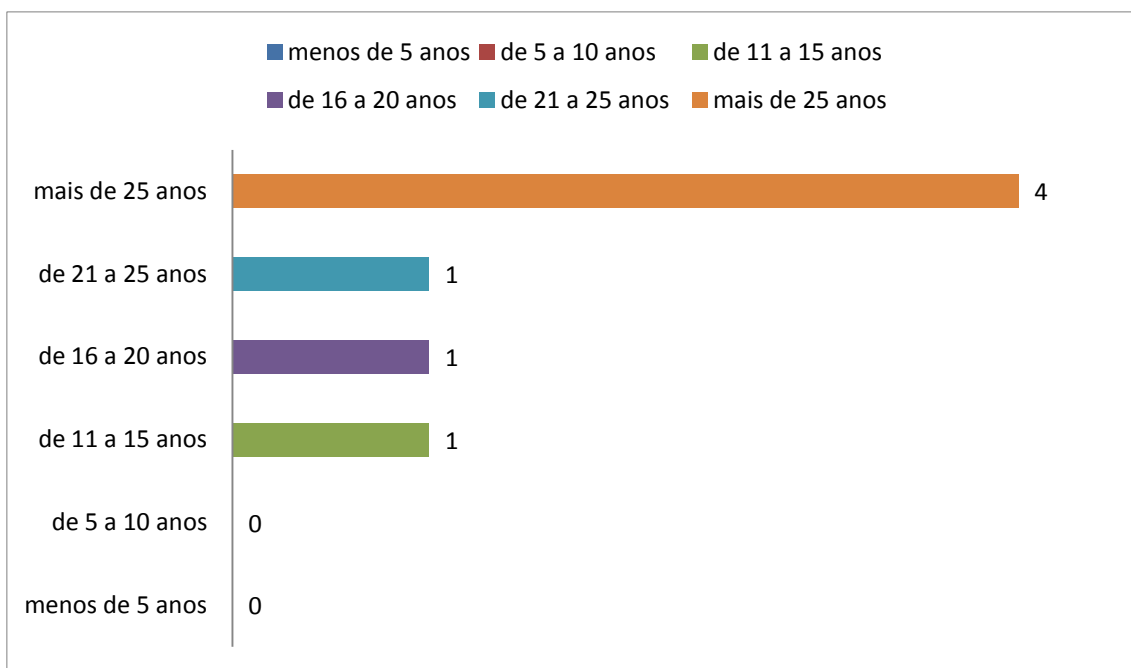


Figura 13 - Tempo de experiência – Teutônia -RS

Podemos observar na figura 15 que todas as escolas pesquisadas são de turmas multisseriadas, pois os professores assumem atividades em um grande número de classes, além de que, conforme nos revela a figura 14, trabalham com todas as áreas do conhecimento exceto as aulas de música e educação físicas que são ministradas por professores especialistas que se deslocam semanalmente até todas as escolas.

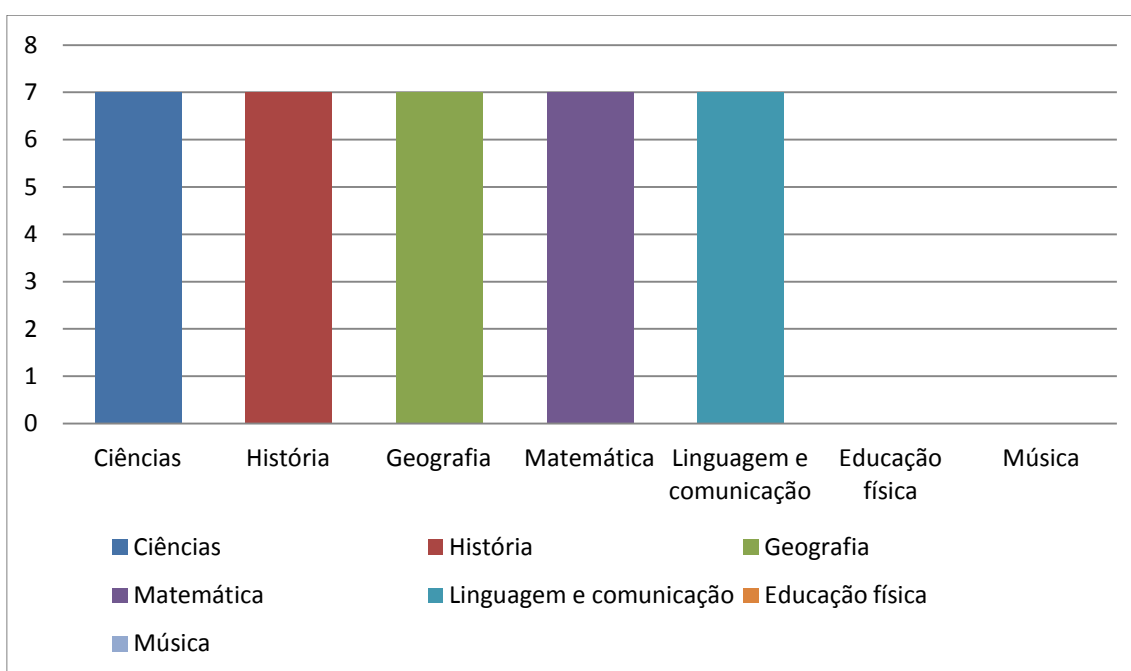


Figura 14 - Áreas que ministra aulas – Teutônia - RS

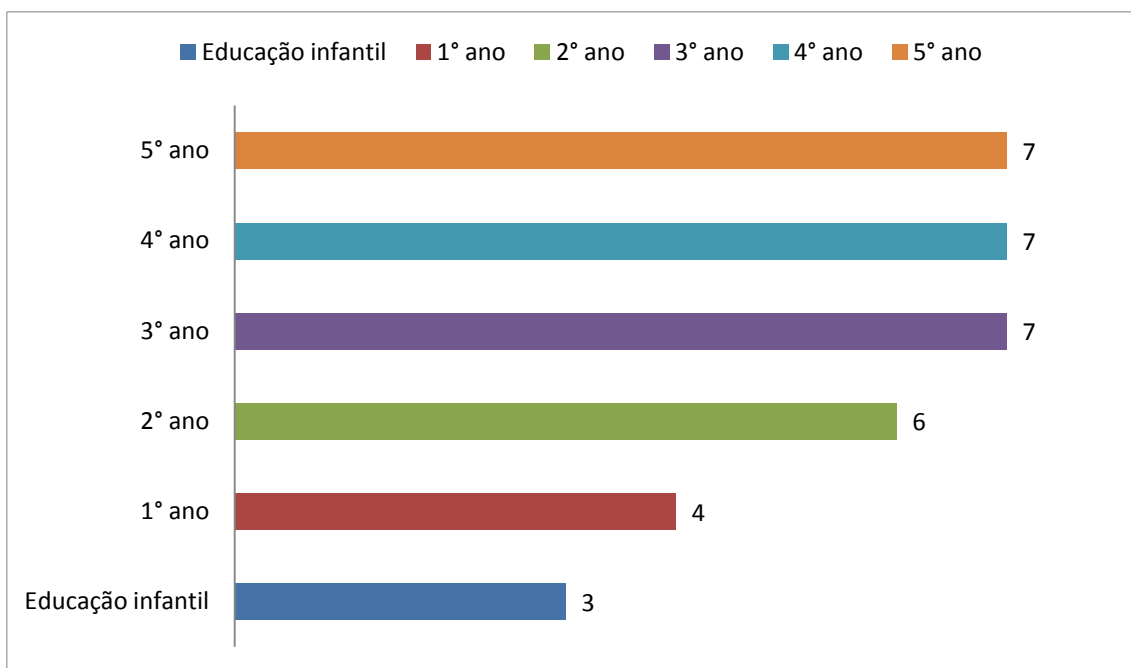


Figura 15 -.Turmas em que atua – Teutônia -RS

#### 4.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS RURAIS DE TEUTÔNIA

##### 4.4.1 Estudando a percepção ambiental

Percepção ambiental pode ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. Estudar a percepção ambiental dos professores é fundamental para compreender como estes contextualizam a temática ambiental em sua práxis pedagógica. Para compreender a percepção ambiental dos educadores analisamos



sua representação social da questão ambiental conhecendo suas concepções sobre temas ligados a esta temática.

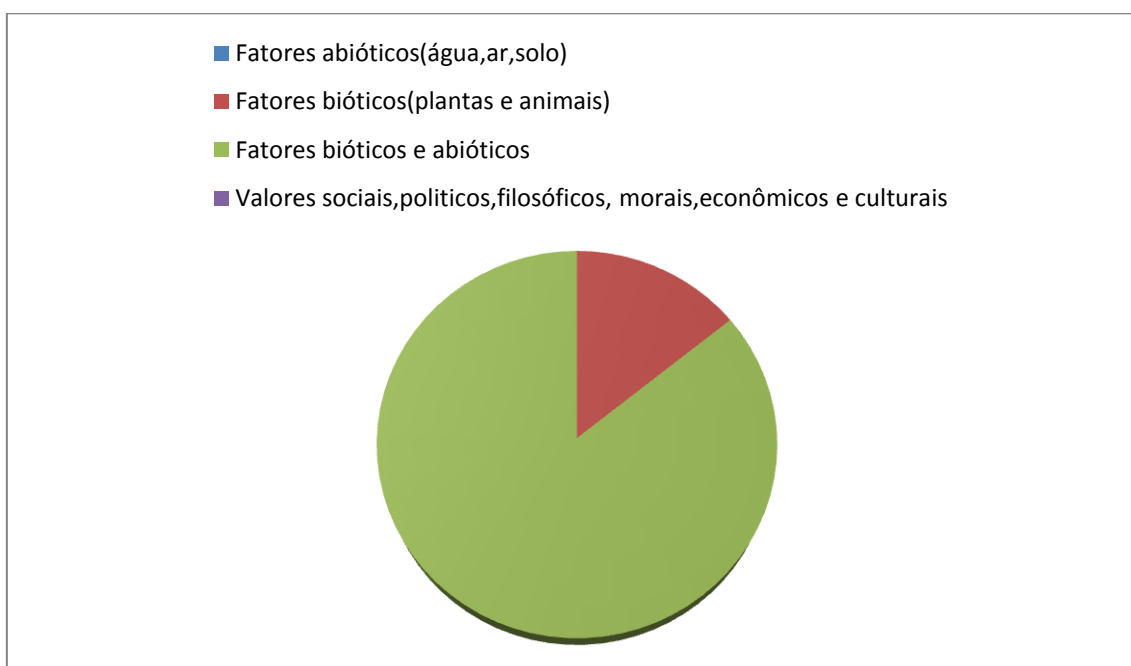


Figura 16 – Representação social de meio ambiente dos professores –Teutônia -RS

#### 4.4.1 Representação social de meio ambiente dos professores

Para Queiroz (2003), “representação social” expressa uma forma de conhecimento que, por ser socialmente construída, permite ao indivíduo elaborar uma visão de mundo que o oriente em projetos de ação e nas estratégias que desenvolve em seu meio social. E ainda, que, por serem culturalmente carregados, adquirem sentido e significado pleno apenas quando levado em consideração o contexto em que se manifestam.

Como podemos perceber na figura 17 os professores entrevistados apresentam uma visão naturalista, ligada ao meio, que caracteriza-se por apresentar noções relativas aos aspectos naturais do ambiente (bióticos e abióticos) e também noções espaciais (correspondendo ao *habitat* do ser vivo), não compreendendo os aspectos culturais humanos ligados a questão ambiental. Isto fica ainda mais evidenciado quando questionados sobre o que imagens tem em mente quando pensam em meio ambiente. Cascino (2000), alerta para o fato de que o meio ambiente deve ser considerado em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais, político, social, econômico e cultural. Contudo, muitos educadores preocupados com a problemática

ambiental possuem uma consciência ambientalista restrita a aspectos naturalistas, considerando o espaço natural fora do meio humano, independente dos meios sócio-culturais produzidos pela população.

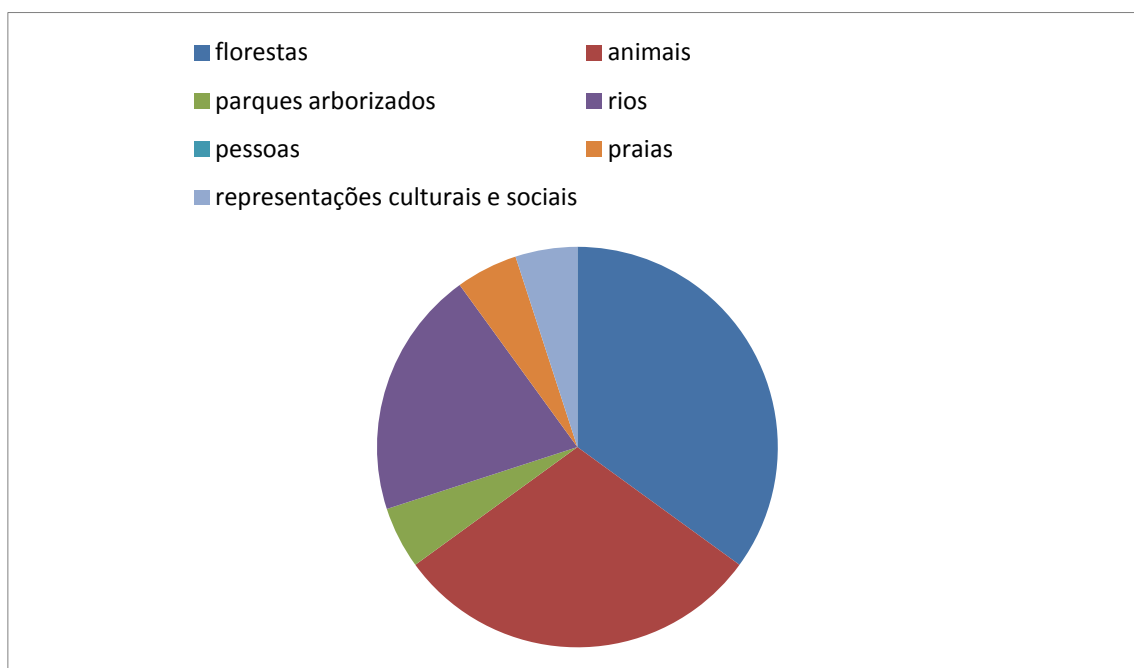


Figura 17 –Imagens de Meio Ambiente – Teutônia -RS

#### 4.4.2 Fontes de informação

Os educadores ambientais são profissionais envolvidos com a prática da educação voltada para a promoção de mudanças que permeiam o cotidiano de todos os indivíduos e instituições ligadas com a sustentabilidade do meio ambiente. As ações desses educadores são coletivas e devem ser voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria socioambiental. Segundo Quintas (1995), o educador ambiental é aquele capaz de construir e reconstruir, num processo de ação e reflexão, o conhecimento sobre a realidade, de modo dialógico, com sujeitos envolvidos no processo educativo. O educador deve estar capacitado para atuar como catalizador de processos educativos que respeitem a pluralidade e diversidade cultural, fortalecendo a ação coletiva e proporcionando a compreensão da problemática ambiental.

É possível verificar que os meios de comunicação, entre eles a televisão, representam uma das principais fontes de conhecimento. Conforme os PCNs (1998),

o rádio, a televisão e a imprensa constituem uma fonte de informações sobre o meio ambiente para a maioria das pessoas sendo, portanto, inegável sua importância nos debates que podem gerar transformações e soluções dos problemas locais. No entanto, muitas vezes as questões ambientais são abordadas de forma superficial ou equivocada pelos diferentes meios de comunicação. Segundo ARAÚJO(2004), “são os apelos da mídia, da sociedade, sobre as pressões que a tecnologia e a ciência exercem no meio natural, que em algum momento, influenciam a prática do professor” .

Podemos perceber também na figura 18, que a internet é uma fonte importante de informação utilizada pelos educadores. A internet é vista atualmente como uma importante fonte eletrônica de acesso à informação, em face às facilidades de busca que ela representa, principalmente servindo de canal para o acesso e manuseio de outras fontes de informação.

A grande rede possibilita ao usuário acessar e achar as principais informações sobre cada área de atuação, possibilitando uma disponibilidade maior de informação e uma interação imediata com outros indivíduos.

Para Barros (2004), a rede mundial de computadores tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos do conhecimento. Isso porque representa hoje um extraordinário acervo de dados que esta colocado à disposição de qualquer pessoa do planeta, podendo ser acessada com extrema facilidade, graças aos sofisticados recursos informacionais disponíveis. A Internet liga milhões de sistemas, onde inclui museus, universidades, revistas, correios, bibliotecas e outros.

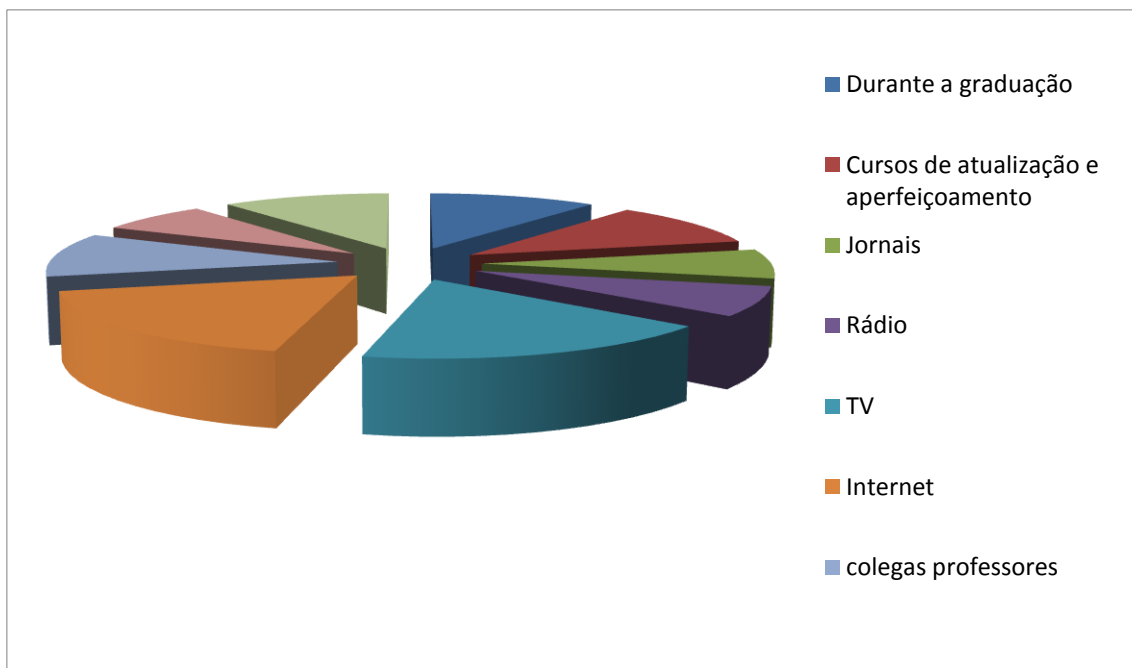


Figura 18 - Fontes de informação sobre meio ambiente – Teutônia -RS

#### 4.5.3 Problemas ambientais mais graves do município

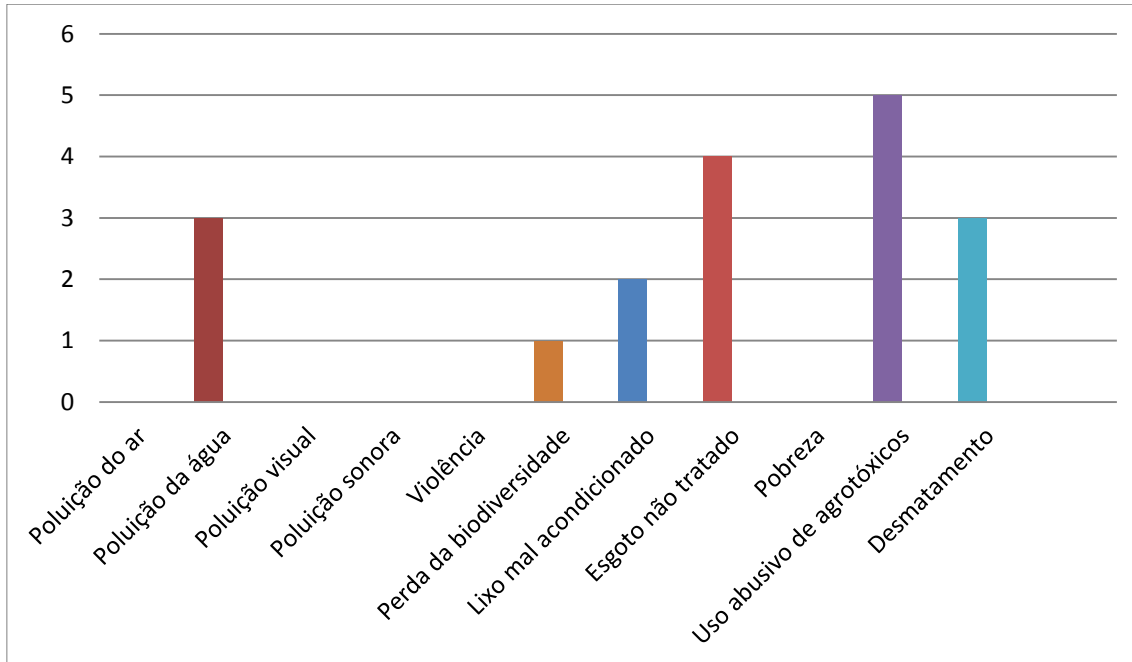


Figura 19 - Problemas ambientais mais graves – Teutônia -2013

#### 4.4.4 Percepções sobre Educação ambiental dos professores das escolas rurais

Os professores entrevistados apresentaram em sua maioria , uma visão abrangente de Educação ambiental, envolvendo a dimensão cultural e ecológica ,como vemos na figura 20.

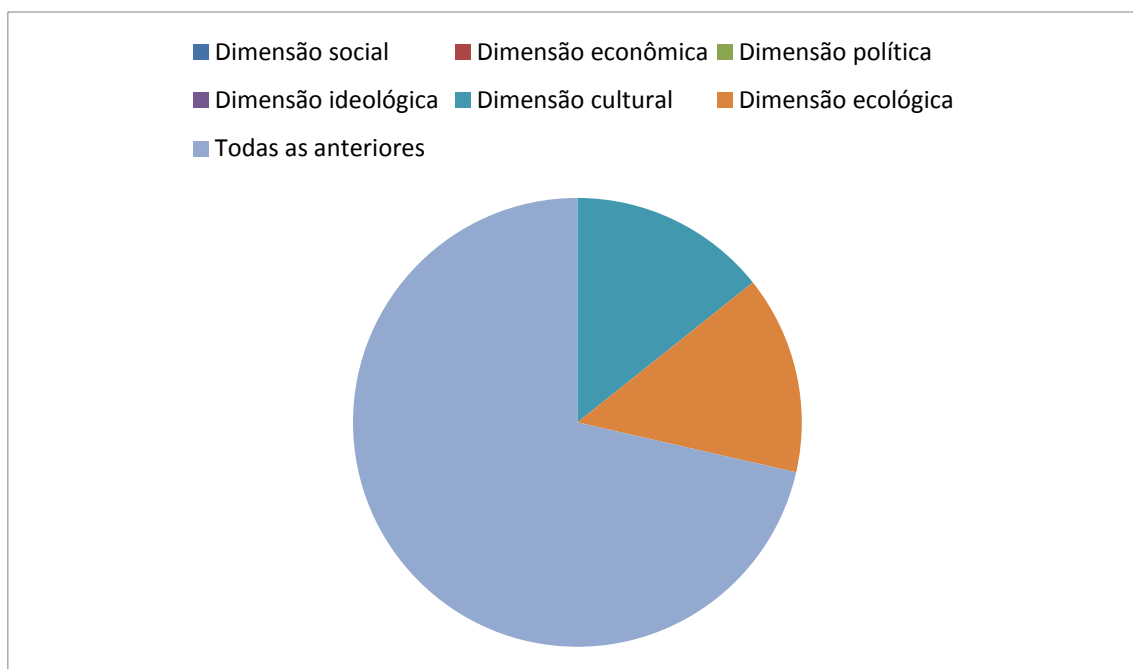


Figura 20 - Concepções sobre educação ambiental – Teutônia -2013

Segundo LAYRARGUES (2003) apesar de a complexidade ambiental envolver múltiplas dimensões, verifica-se, atualmente, que muitos modos de fazer e pensar a Educação Ambiental enfatizam ou absolutizam a dimensão ecológica da crise ambiental.

Percebemos que os entrevistados possuem consciência da importância de abordar não apenas temas ligados a conservação ambiental, mas também consideram importante contextualizar a relação homem – natureza, como podemos observar na figura 21.

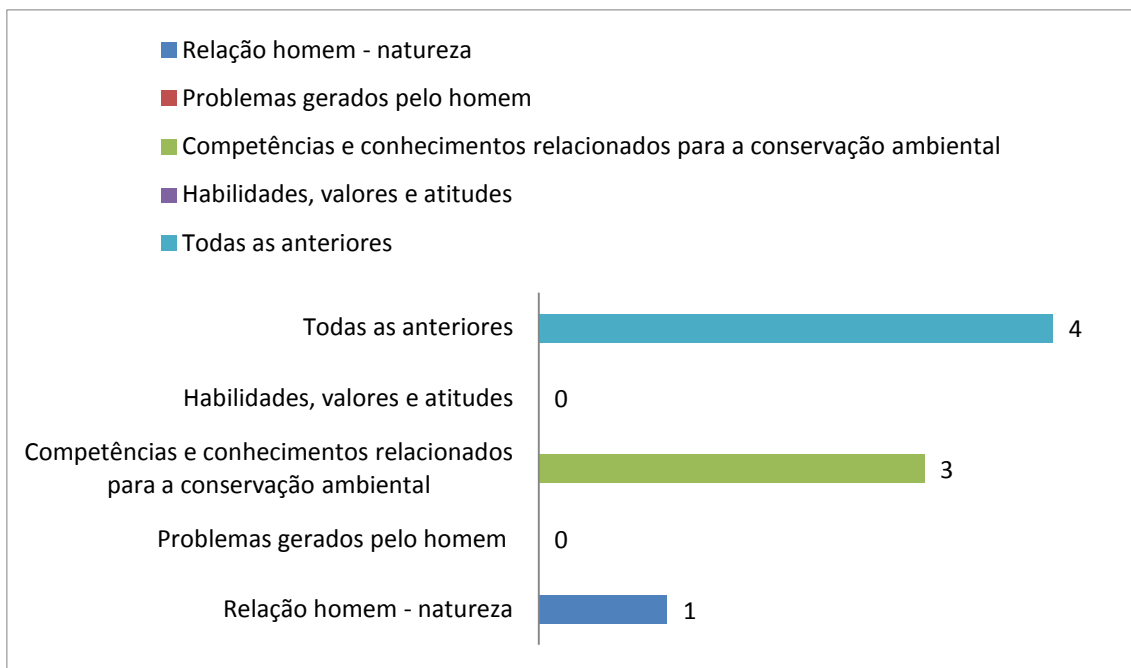


Figura - Conteúdos da EA - Teutonia - RS

Acreditamos na busca por um trabalho educativo preocupado com as questões ambientais, adaptado às realidades culturais e características biofísicas e sócio-econômicas e que atente para além da realidade local, evitando alienação ou estreitamento de visão que levem a resultados pouco significativos (GUIMARÃES, 2003; MEYER, 1991).

Todos os entrevistados entendem que a crise ambiental vivenciada atualmente é resultado de um conjunto de fatores. Entre os dez educadores, quatro atribuíram à crise a fatores isolados citando respectivamente o modelo de desenvolvimento; a desigualdade social; o atual padrão de consumo e a desinformação. Conforme CAPRA (2003) “quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente.

São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes”. (CAPRA )

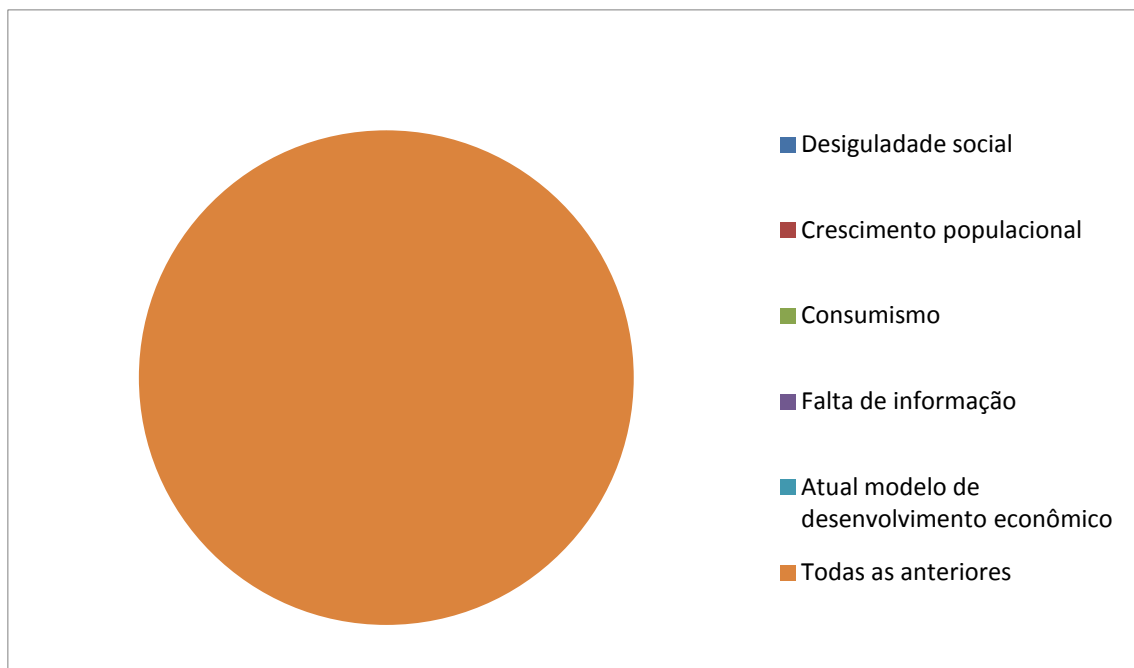


Figura 22 – Origem da crise ambiental – Teutônia - RS

Mesmo não tendo formação e sentindo insegurança em relação a temática, podemos observar na figura 23 que os entrevistados abordam com frequência este tema. Mas qual educação ambiental eles utilizam em sua prática cotidiana? O que tem se percebido e ficou evidente nesta pesquisa, na figura 24, é uma prática conservacionista da Educação Ambiental, que trata apenas de questões ligadas ao lixo, à preservação da natureza, utilizando metodologias transmissivas, simplistas, sem um caráter crítico, reflexivo, complexo.

Tal concepção conservacionista reflete o paradigma atual de nossa sociedade moderna, que fragmenta a realidade, onde o que prevalece são as relações de poder, as desigualdades sociais. Assim, não há uma formação ambiental crítica, mas uma transmissão de conhecimentos que não mobiliza, que não desacomoda, mas sim isola, ordena, controla, fazendo os sujeitos acreditarem na submissão, no “caminho único” - como bem ressalta Guimarães (2005) - como sinônimo de progresso.

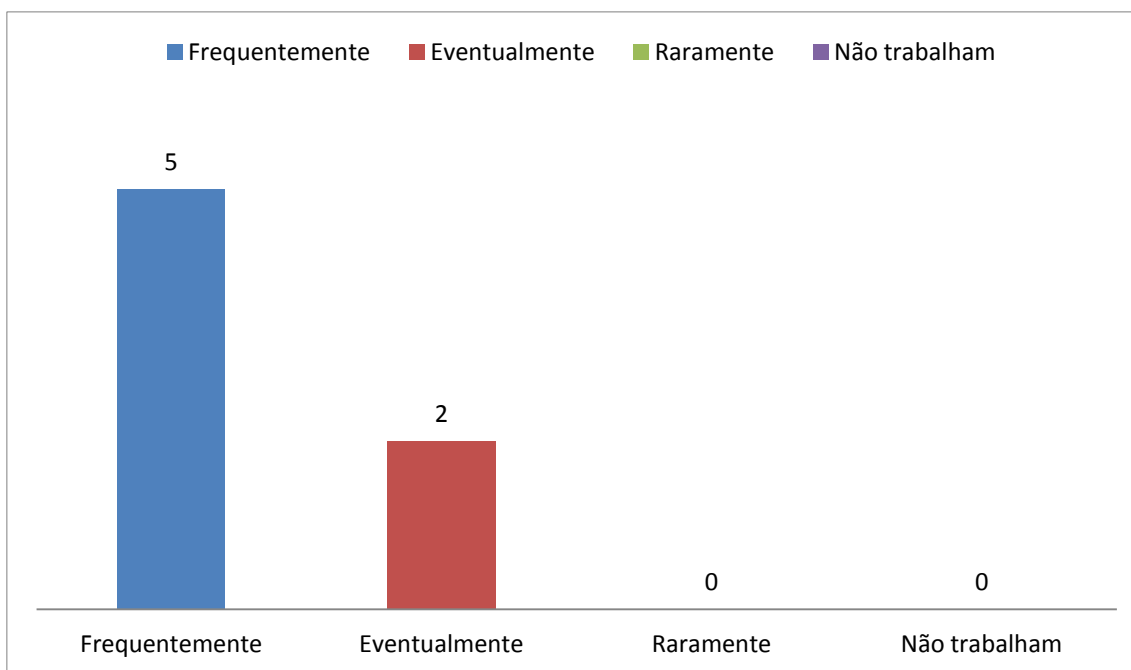


Figura 23 – Questões ambientais em sua prática pedagógica – Teutonia -RS

Atividades ao ar livre como horta e jardinagem , estão entre as práticas mais citadas entre os entrevistados. Percebe-se que a Educação ambiental ainda limita – se aos problemas de ordem física do ambiente , evidenciando uma visão naturalista, neste contexto é valorizado o papel da educação como agente difusor dos conhecimentos sobre o meio ambiente e indutor da mudança dos hábitos e comportamentos considerados predatórios, em hábitos e comportamentos tidos como compatíveis com a preservação dos recursos naturais.



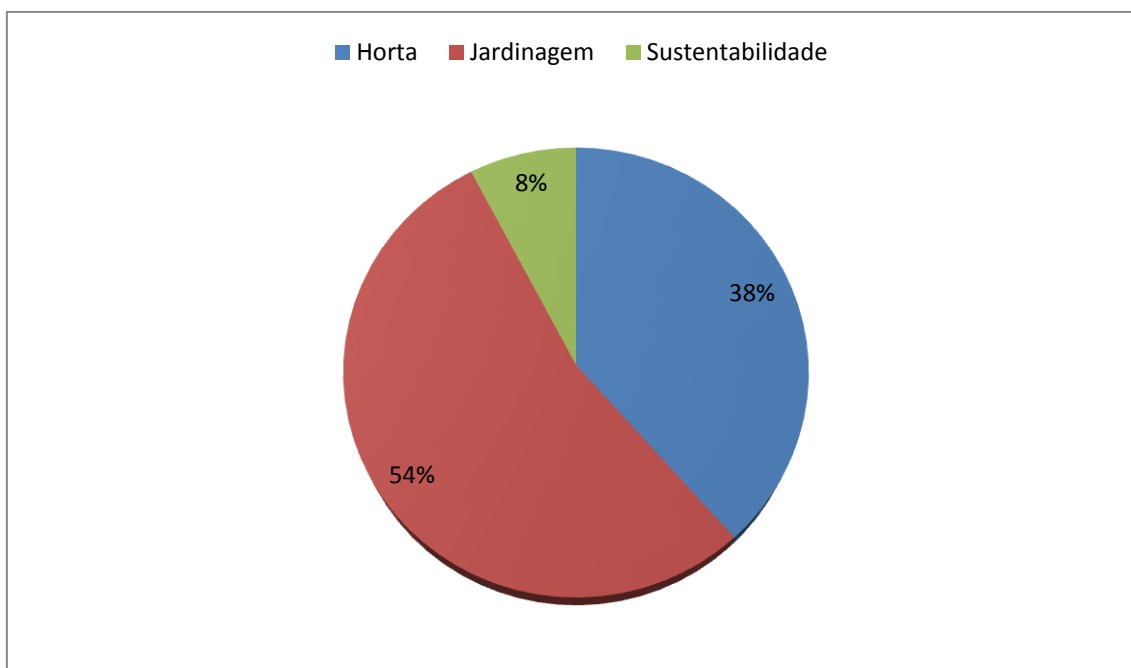


Figura 24 - Projetos em educação ambiental desenvolvidos – Teutonia -RS

Os educadores entrevistados consideram importante iniciar a Educação Ambiental no início do processo de escolarização. Conforme Nunes(1991), a Educação Ambiental deve iniciar quando o indivíduo nasce, passando todos os níveis de educação formal, não formal e auto-educação, até a morte, ou seja, numa perspectiva de Educação Permanente.

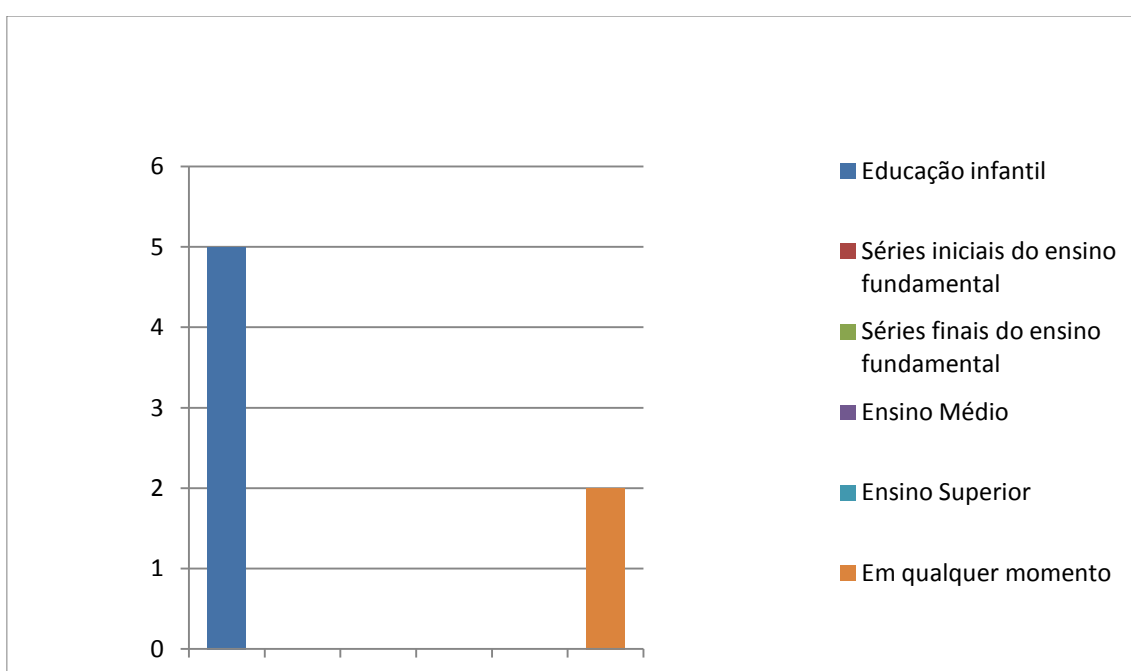


Figura 25 – Idade para iniciar a Educação ambiental –Teutonia-RS.

A figura 26 revela que os professores entrevistados não consideram suficiente o apoio dado pela Secretaria de Educação, foram citadas na entrevista como áreas de carência a disponibilização de materiais pedagógicos sobre o tema, bem como o apoio de profissionais capacitados para apoiar suas práticas em Educação Ambiental.

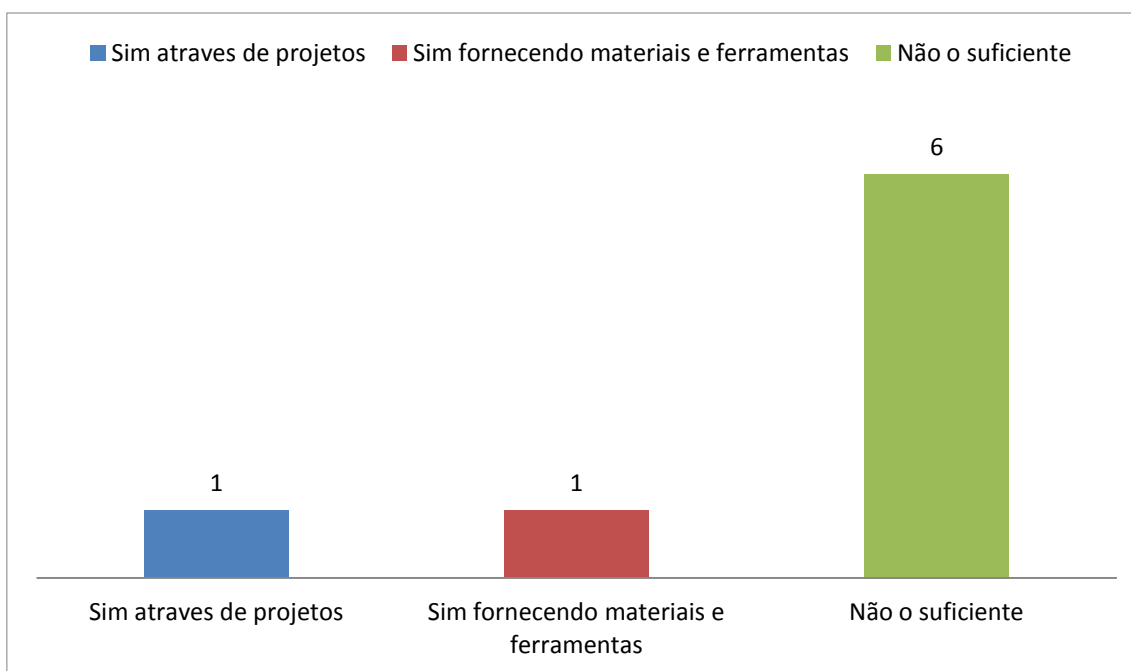


Figura 26 - Apoio da Secretaria de Educação –Teutonia -RS

Conhecer os problemas ambientais da comunidade em que cada escola está inserida pode constituir uma ferramenta pedagógica de Educação Ambiental. Vemos na figura 27, que os entrevistados citaram o uso de agrotóxicos, um grave problema observado na zona rural, pois polui os solos e o lençol d'água. O problema da proliferação do borrachudo também foi citado, pois afeta diretamente a qualidade de vida da comunidade. De acordo com LEFF(2002), na análise da qualidade de vida de uma comunidade imbricam-se as noções de bem-estar, nível de renda, condições de existência e estilos de vida, entrelaçando-se processos econômicos e ideológicos que determinam demandas simbólicas e materiais, e que são responsáveis pela internalização de modelos de satisfação e de desejo. Os problemas socioambientais só serão resolvidos através da participação dos atores sociais envolvidos, quando estes se interessarem pelo problema e a partir daí se posicionarem na resolução do mesmo. Logo esta participação depende de uma mobilização civil, que motivada por um objetivo em comum pode trazer efetivamente a atuação de atores sociais comprometidos com o processo.

A crise ambiental do planeta é tão visível que ela não é mais implícita. Ela é totalmente explícita. Qualquer criança hoje na escola sabe disto, não só porque o professor a ilustrou quanto a isso, mas porque ela encontra no dia-a-dia todas as marcas da degradação da vida no planeta. E a criança ambientalizada constitui hoje, sem dúvida, a promessa, a maior força de esperança de um futuro em que haja mais dignidade para todos os seres e mais paz entre os homens.(CORTESÃO, 2000).

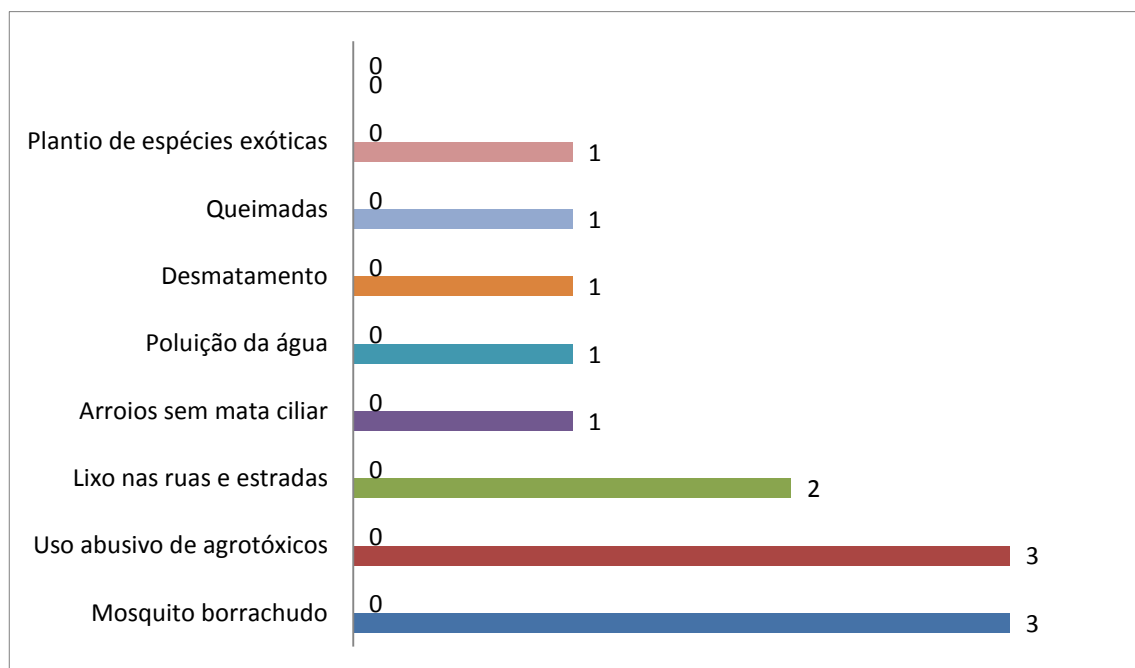


Figura 27 - Problemas ambientais da comunidade – Teutonia - RS

Na figura 28 percebemos que a maioria acredita ser responsável por danos eventuais ou estima que não promova dano algum, parece “justo” que também não se julguem encarregados de preservá-lo e transfiram a responsabilidade unicamente para o Governo, ou outras instituições. Embora não seja possível, através desta avaliação, determinar exatamente o que os professores classificaram por dano ao meio ambiente, no atual estágio de degradação ambiental vivendo em uma sociedade altamente poluidora, parece um tanto ingênuo imaginar que o impacto causado por uma pessoa adulta seja eventual ou nulo.

A postura do professor tem a ver com uma opção substancialmente política e adjetivamente pedagógica. (SATO, 2004).

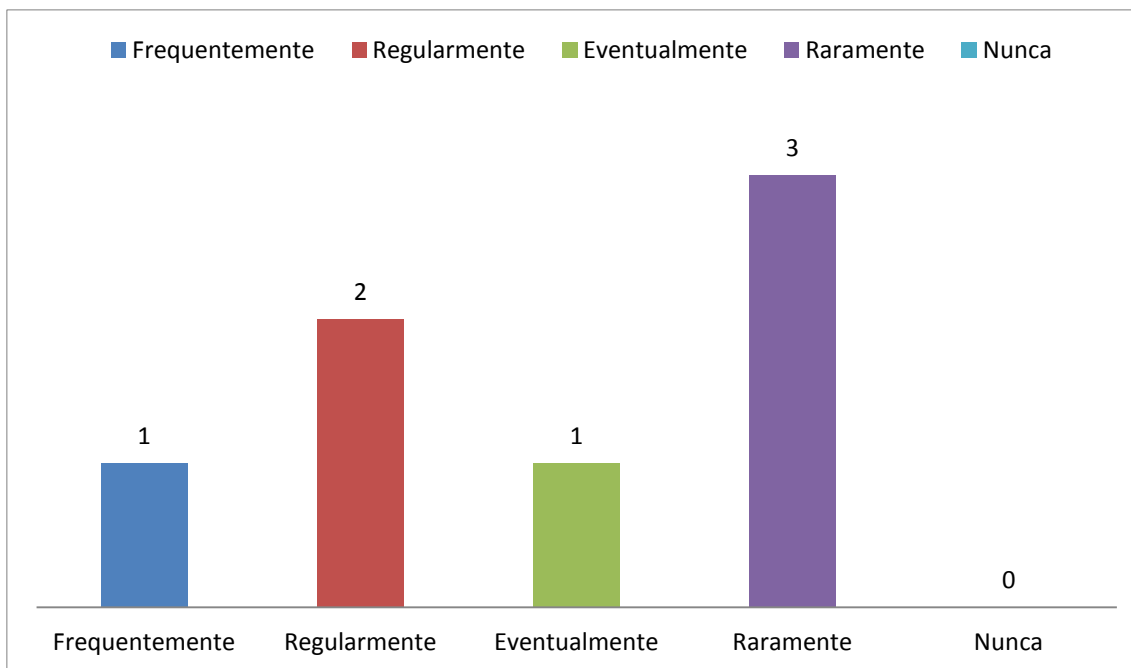


Figura 28 -Danos ambientais –Teutonia -RS

Mais do que resolver os conflitos ou preservar a natureza através de intervenções pontuais, a EA entende que a transformação das relações dos grupos humanos com o meio ambiente está inserida dentro do contexto da transformação da sociedade. O entendimento do que sejam os problemas ambientais passa por uma visão do meio ambiente como um campo de sentidos socialmente construído e, como tal, atravessado pela diversidade cultural e ideológica, bem como pelos conflitos de interesse que caracterizam a esfera pública.

Podemos perceber na pesquisa aplicada a alunos de 5º ano e educadores que as práticas de educação ambiental, restringem-se a processos de conscientização ambiental. Não queremos negar a importância da sensibilização para a preservação, mas assinalar que falta aos professores um embasamento teórico que os capacite a promover nos alunos a construção e re-construção de conhecimentos e valores ambientais que extrapolem o respeito puro e simples à natureza. A grande maioria dos professores não está devidamente preparada para inserir-se numa discussão com os alunos no que diz respeito às questões ambientais.

“As práticas pedagógicas comprometidas com mudanças contrapõem os mais diversos ‘sujeitos’, ora considerados nos papéis diferenciados do professor(a) e aluno(a), ora compreendidos na condição de diferentes diante de uma história comum” (REIGOTA, 2003).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma nova proposta pedagógica da educação no campo indica o desafio da construção da escola democrática e popular, uma escola que trabalhe e assuma de fato a identidade do meio no qual está inserida pensando e alicerçando um novo projeto de desenvolvimento no campo. Portanto, pensar em escola rural não é pensar de maneira estática com base em um modelo pedagógico estanque e fechado, mas, ao contrário, é pensar em algo mutante que acompanha o conjunto de transformações que a realidade vem exigindo de cada espaço sócio-ambiental. Nesse sentido, é necessário buscar uma forma de educação que supere a organização fragmentada do conhecimento em prol de uma sociedade que se vê diante da necessidade de resgatar a dimensão humana e promover alternativas que garantam a qualidade de vida coletiva.

Entre os resultados averiguados nesta pesquisa que buscou conhecer as representações de meio ambiente de alunos e professores das escolas rurais, podemos observar que tanto alunos como professores possuem uma visão naturalista de meio ambiente, excluindo o ambiente social destas representações.

Observa-se também que as práticas realizadas e os projetos citados por alunos e professores são de caráter conservacionista, não contribuindo para a formação de sujeitos políticos, capazes de agir criticamente na sociedade. Para que a educação no campo tenha um caráter transformador da realidade é preciso revitalizar a escola incorporando-lhe ações pedagógicas que incluam as questões ambientais no cotidiano da agricultura familiar, privilegiando o conhecimento e o

saber popular na busca de um modelo de produção sustentável ,desta forma a educação ambiental pode transformar a escola do meio rural através da leitura da realidade do homem /mulher rural.

Quando o ambiente local se torna o contexto da aprendizagem , os estudantes tornam-se atores sociais , senhores de sua aprendizagem e estabelecem uma relação dialógica com o ambiente onde vivem. Uma proposta de educação ambiental baseada na realidade local implica no resgate das práticas tradicionais como um princípio ético para a conservação de suas identidades culturais bem como um princípio produtivo para o uso racional dos recursos naturais.

Para que esta nova proposta pedagógica possa ser implementada é evidente a necessidade da afirmação de políticas educacionais focadas, na formação de profissionais capacitados a trabalharem com as questões ambientais.O conhecimento profissional de professor representa o conjunto de saberes que o habilita para o exercício da docência e de todas as suas funções profissionais: saberes produzidos nos diferentes campos científicos e acadêmicos que subsidiam o trabalho educativo, saberes escolares que deverá ensinar, saberes produzidos no campo da pesquisa didática, saberes desenvolvidos nas escolas, pelos profissionais que nelas atuam e saberes pessoais, construídos na experiência própria de cada professor. A prática docente no cotidiano de uma escola rural é marcada por desafios e repleta de obstáculos, de resistências que exigem constantes enfrentamentos e aperfeiçoamento.

De um modo geral observamos que as práticas de Educação Ambiental e representações sociais de professores e alunos das escolas rurais do município de Teutônia quanto ao meio ambiente estão relacionadas aos universos onde estão inseridos. São os espaços socioculturais que os orientam na (re) elaboração destas práticas ambientais, e que muitas das vezes são negligenciados na elaboração das propostas pedagógicas de Educação Ambiental. Portanto, as atividades de Educação Ambiental precisam ser desenvolvidas levando em consideração a realidade socioambiental da localidade.

Outro aspecto relevante é que a secretaria de educação e coordenação de

educação, deixam a desejar no quesito formação de professores, já que, não oferecem formação complementar que discuta e aprofunde o conhecimento sobre determinados assuntos importantes que surgem a todo o momento no cenário educacional. A formação constante dos profissionais de educação, através de cursos, seminários, oficinas deve fazer parte da realidade dos educadores de todas as escolas, não somente formação em educação ambiental, mas em várias temáticas importantes que surgem a todo momento.

Compreendemos que o processo que envolve e permeia a Educação Ambiental tem que ser contínuo e baseado na (re) construção da educação nos valores humanos, envolvendo a escola, família e comunidade local. Somente assim acreditamos agir na consciência destas pessoas, sensibilizando-os quanto às práxis ambientais corretas, onde a racionalidade ambiental possa imperar e transformá-los em exímios cidadãos comprometidos com o futuro da humanidade.

Diante das observações realizadas consideramos que se faz necessário a construção de uma proposta de educação ambiental específica para estas escolas, abordando a realidade local de cada comunidade, os desafios atuais do agricultor e partir para a construção de uma nova racionalidade para a agricultura familiar que viabilize a permanência do homem na terra.

## 6 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGRA, Nadine Gualberto. **Novos Paradigmas para o desenvolvimento regional do Nordeste nos Anos 90**. Campina Grande:UFPB, 1998, 41p.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Abrindo o pacote tecnológico: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil**. São Paulo: Polis; Brasília: CNPq, 1986, 160p.

ALMEIDA, J. A. **Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia**. Brasília: MEC/ABEAS, 1989.

ARAÚJO, M. I. O. A universidade e a formação de professores para a educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 1, n. 0, p. 71-78, 2004.

AZEVEDO, G. C. Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 67-82.

BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. **A efetividade do direito a informação ambiental**. 2004. 230p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 2004

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1990

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. (Tradução de João Wanderley Geraldi). In *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002, p.20-28.

CALAZANS, M. J. C. **Estudo retrospectivo da educação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IESAE, 1979.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília:MDA/SAF/DATER-IICA,2004.



CAPRA, F. **A Teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel C. Moura. **Qual a educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural**. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural, Porto Alegre. V2 N2, Abr/Jun 2001.

CASCINO, F. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores**. São Paulo: SENAC, 2000.

COSTA, Adriane Lobo. **O meio ambiente, a modernização conservadora e a Educação ambiental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da FURG, Rio Grande. Vol 6 Jul/Set 2001.

CORTESÃO, Judiht. **O Planeta ainda pode ser salvo**. Revista Mundo Jovem, edição 307, junho de 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a. (Coleção Leitura).

DAMASCENO, M. N. (Org.). **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993. p.15-40.

DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

FORUM GLOBAL DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS. **Tratado sobre agricultura sustentável**. In: Tratado das ONGS. Rio de Janeiro, 1992.

FONSECA, M. T. L. **Extensão rural no Brasil: Um Projeto Educativo para o Capital**. São Paulo, Loyola, 1985.

FURTADO, E. D. P. **O estado da arte da educação rural no Brasil**. Fortaleza: FAO/UNESCO, 2004.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: Projetos e relatórios**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental: No consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2000.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores Ambientais** – Campinas, SP : Papirus, 2004

LAYRARGUES, P. P. O desafio empresarial para a sustentabilidade e as oportunidades da educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B. (org.). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador – BA: CRA, 2003, p. 95-1

LEI n. 9795 - 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental**. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LEFF, E. **Saber Ambiental**. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: PNUMA, Ed. Vozes, 2001.

MARTINE, G. Fases e faces da modernização agrícola brasileira. **Planejamento e Políticas Públicas**, v.1, n.3, p.3-44, jun. 1990.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. **Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo**: Caderno de Subsídios. Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOLINA, Mônica Castagna; MONTENEGRO, João Lopes de Albuquerque; OLIVEIRA, Liliãne Lúcia Nunes de Aranha. **Das desigualdades aos direitos: a exigência de políticas afirmativas para a promoção da equidade educacional no campo**. Brasília: Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003a.

NUNES, Maria de Lourdes R. Lima. **A educação ambiental e o ensino de ciências em escolas do ensino fundamental em Teresina- PI e Timon- MA**. Teresina, 1998. Dissertação (Mestrado. em Educação) Universidade Federal do Piauí.

QUEIROZ, Alvamar Costa. **A inserção da dimensão ambiental no ensino fundamental**. Natal, 1997. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

QUINTAS, José Silva (Coord.). **Seminário sobre a formação do educador para atuar no processo de gestão ambiental**. Brasília: IBAMA, 1995. 36 p.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Questões da nossa época, 41).

\_\_\_\_\_. **Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina**: um estudo de suas representações sociais. São Paulo: Annablume, 1999. (Selo Universidade; 11)

\_\_\_\_\_. **O meio ambiente e suas representações no ensino em São Paulo, Brasil**. *Uniambiente*. Brasília, ano 2, 1, 27-30(1991)

\_\_\_\_\_. In: Reigota, M.; Possas, R.; Ribeiro, A. (Orgs.). **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A. (2003)

RUSCHEINSY, Aloísio (org) **Educação Ambiental: Abordagens múltiplas**. *Artmed*, 2002.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, M.J. dos. **Rumo a um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável**. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 37, 1986, Foz do Iguaçu. **Anais**

SATO, Michele. **Educação Ambiental**. Ed. Santos J. E. São Carlos, 2004

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade e o desenvolvimento rural brasileiro** in Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial – Contribuições ao Debate / Flávio Borges Botelho Filho (organizador) – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados, 2004.

SILVA, A. C. S. e. **O Trabalho de Educação Ambiental em Escolas de Ensino Fundamental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Vol. 20. p 37-52. Janeiro a Junho de 2008.

TRISTÃO, M. Saberes e fazeres da educação ambiental no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 1, n. 0, p. 47-55, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

UNESCO **As grandes orientações da Conferência de Tibilisi**.. Brasília: Educação Ambiental. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1997.

ZAKRZEVSKI, S. B. B. As tendências da educação ambiental. In: ZAKRZEVSKI, S. B. B.(Org.) **A educação ambiental na escola**. Erechim: Edifapes, 2003.

\_\_\_\_\_. Por uma educação ambiental crítica e emancipatória no meio rural. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 1, n. 0, p. 79-86, 2004.

ZAKRZEVSKI, S. B. B.; SATO, M. Sustentabilidade do meio rural: empoderamento pela educação ambiental. **Revista Perspectiva**, v. 28, n. 101, p. 7-16, 2004.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A –Entrevista com alunos do 5° ano

1.Você sempre morou na zona rural?

2.Profissão dos pais:

3.O que é produzido em sua propriedade?

4. Quando você pensa em meio ambiente que ideias ou imagens vem a sua mente? Selecione três (3) alternativas:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Florestas           | <input type="checkbox"/> Pessoas        |
| <input type="checkbox"/> Animais             | <input type="checkbox"/> Praias         |
| <input type="checkbox"/> Parques arborizados | <input type="checkbox"/> Deserto        |
| <input type="checkbox"/> Rios                | <input type="checkbox"/> Outras imagens |
| <input type="checkbox"/> Cidades             |   |

5. Assinale nos itens relacionados a seguir três (3) problemas ambientais mais graves que ocorrem em Teutônia

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Poluição da água | <input type="checkbox"/> Lixo em locais impróprios   |
| <input type="checkbox"/> Poluição do ar   | <input type="checkbox"/> Esgoto não tratado          |
| <input type="checkbox"/> Poluição visual  | <input type="checkbox"/> Pobreza                     |
| <input type="checkbox"/> Poluição sonora  | <input type="checkbox"/> Uso abusivo dos agrotóxicos |
| <input type="checkbox"/> Violência        | <input type="checkbox"/> Desmatamento                |

6.Assinale nos itens abaixo (3) que você já estudou na escola este ano:

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Animais e plantas    | <input type="checkbox"/> Ecossistemas       |
| <input type="checkbox"/> Lixo                 | <input type="checkbox"/> Hábitos de higiene |
| <input type="checkbox"/> Água                 |   |
| <input type="checkbox"/> Agrotóxicos          |   |
| <input type="checkbox"/> alimentação saudável |   |

7.Em sua escola você já participou de algum projeto sobre o tema Meio Ambiente?

- Não
- Sim, qual? \_\_\_\_\_

8.Como você adquire informações sobre o tema Meio Ambiente?

- escola
- TV
- internet
- jornal
- revista

9.Você gosta do lugar que mora?Por que?

10.Você pretende continuar morando na zona rural quando crescer?

**APÊNDICE B –Entrevista com professores das escolas rurais****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
Percepção Ambiental dos Professores de Ensino Fundamental das Escolas  
Rurais de Teutônia/RS**

01. Gênero

 Feminino Masculino

02. Faixa etária

 menos de 20 anos                       de 36 a 40 anos de 20 a 25 anos                       de 41 a 45 anos de 26 a 30 anos                       mais de 45 anos de 31 a 35 anos

03. Tempo de residência no município de Teutônia

 menos de 05 anos                       de 21 a 25 anos de 05 a 10 anos mais de 25 anos de 11 a 15 anos                       Não resido neste município de 16 a 20 anos

04. Zona onde reside

 Urbana Rural

05. Curso de Graduação

 Sim  Em caso positivo, qual o curso? Não possui \_\_\_\_\_ Em andamento

06. Ano de conclusão da Graduação

 Antes de 1970                       De 1991 a 2000 De 1970 a 1980                       Após 2000 De 1981 a 1990                       Em andamento

07. Curso de Especialização

 Sim Não possui

08. Tempo de experiência

 menos de 05 anos                       de 16 a 20 anos de 05 a 10 anos                       de 21 a 25 anos de 11 a 15 anos mais de 25 anos

9. Áreas em que ministra aulas

- Ciências       Educação Física  
 Matemática       Artes  
 História       Outra. Qual? \_\_\_\_\_  
 Geografia \_\_\_\_\_  
 Linguagem e Comunicação

10. Série(s) em que ministra aulas

- Pré-escola       5ª ano  
 1ª ano       6ª ano  
 2ª ano       7ª série  
 3ª ano       8ª série  
 4ª ano

11. Classifique as possíveis fontes de informação conforme seu grau de importância na

formação de seu conhecimento pessoal a cerca da temática ambiental. **Marque na seqüência de 0 a 3**, onde o número 3 se refere à fonte mais expressiva, o números 2 a fonte intermediária, o número 1 a fonte menos expressiva e o número 0 releva a inexistência de contato com essa fonte:

- Informações adquiridas durante a graduação;  
 Informações adquiridas em cursos de atualização e aperfeiçoamento;  
 Informações obtidas em sua prática educativa;  
 Informações de jornais;  
 Informações de rádio;  
 Outra fonte;  
 Informações de TV's;  
 Informações da internet;  
 Contato com outros professores;  
 Cursos e materiais elaborados por órgãos governamentais;  
 Não possuo conhecimento nesta temática.

12. Meio Ambiente é formado por:

- Água, ar, solo, ou seja, fatores abióticos.  
 Plantas e animais, ou seja, fatores bióticos.  
 Fatores abióticos, fatores bióticos e fatores culturais.  
 Valores sociais, políticos, filosóficos, morais, científicos, artísticos, econômicos e religiosos, ou seja, cultura humana.  
 Outros fatores.

13. Quando você pensa em meio ambiente que ideias ou imagens vem a sua mente? Selecione três (3) alternativas:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Florestas           | <input type="checkbox"/> Pessoas                            |
| <input type="checkbox"/> Animais             | <input type="checkbox"/> Praias                             |
| <input type="checkbox"/> Parques arborizados | <input type="checkbox"/> Representações culturais e sociais |
| <input type="checkbox"/> Rios                | <input type="checkbox"/> Outras imagens                     |
| <input type="checkbox"/> Cidades             |   |



14. Na sua opinião, a Educação Ambiental compreende:

- Dimensão social                       Dimensão cultural  
 Dimensão econômica               Dimensão ecológica  
 Dimensão política                     Todas as anteriores  
 Dimensão ideológica                 Nenhuma das anteriores

15. Para você a Educação Ambiental trabalha a:

- Relação homem x natureza.  
 Problemas derivados da relação homem x natureza.  
 Habilidades, valores e atitudes.  
 Conhecimentos e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.  
 Todas as alternativas anteriores.  
 Nenhuma das alternativas anteriores.

16. Você atribui a atual crise ambiental vivenciada em nosso planeta:

- As desigualdades sociais.  
 Ao elevado índice de crescimento da população.  
 Ao atual padrão de consumo.  
 A desinformação das pessoas.  
 Ao atual modelo de desenvolvimento econômico.  
 A somatória de todas as alternativas anteriores.  
 Outras causas.

17. **Assinale nos itens relacionados a seguir três (3) problemas ambientais mais críticos detectados no seu município:**

- Poluição da água                       Lixo não acondicionado  
 Poluição do ar                           Esgoto não tratado  
 Poluição visual                          Pobreza  
 Poluição sonora                         Uso abusivo dos agrotóxicos  
 Violência                                 Desmatamento  
 Perda da biodiversidade             Outro

18. Você considera que as Instituições de Ensino trabalham em sua prática cotidiana a questão ambiental:

- Frequentemente  
 Eventualmente  
 Raramente  
 Não trabalham

19. A sua escola possui projeto(s) direcionado(s) a Educação Ambiental?

- Sim    Em caso positivo, qual(is) é(são) o(s)  
 Não projeto(s)? \_\_\_\_\_

20. Segundo sua avaliação pessoal, a **Secretaria de Educação** vem efetivamente apoiando ações voltadas à discussão e a prática da temática ambiental nas escolas?

Sim  Em caso positivo, descreva como?

Não \_\_\_\_\_

21. No que se refere à formação profissional, você considera que:

As informações que possuo hoje, com relação a temática ambiental, são suficientes

para que desenvolva minha prática pedagógica.

Procuro estar sempre atualizado a respeito das informações sobre a temática ambiental pois estas são informações fundamentais para qualificar minha formação profissional.

As informações sobre meio ambiente não são um fator fundamental para minha formação, pois este assunto deve ser tratado apenas por especialistas com formação na área ambiental.

Não me considero apto a opinar sobre este assunto.

22. Para você, qual o momento ideal para a introdução dos alunos na temática ambiental?

Educação Infantil - Pré-escola

Ensino Fundamental - 1ª a 5º ano

Ensino Fundamental – 6º ano a 8 série

Ensino Médio

Ensino Superior

A qualquer momento

23. Você observa na(s) disciplina(s) que ministra situações em que pode abordar os conhecimentos relativos a Educação Ambiental:

Frequentemente

Regularmente

Eventualmente

Raramente

Nunca

Não trabalho tais conteúdos

24. No seu dia a dia, você considera que causa algum dano ao meio ambiente?

Frequentemente

Regularmente

Eventualmente

Raramente

Não causo danos ao ambiente

25. Existe algum problema ambiental nesta comunidade?

Sim, qual?  Não